

ERA

NOVA

Anno IV
Num. 64



Senhorinha Celeste de Vasconcellos ~ 1924 ~

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade



**Especialistas das afamadissimas
marcas de cigarros:**

Deliciosos, Populares, Epitacio Pessoa, Santos Dumont, Amorim, Simeão Leal,
18, Isis, Smart, Dulce, Dalva, Mary, Guarany, Fênix Fina, Morenos, Palha, Cor-
tiça, Hilda, Comerciaes, 5 de Agosto, Globo, Vencedora, Condor, Victoria, Presidente
Wilson, Perlitos, Lucy, Pernambucanos, Dora, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Lucena,
Nabuco, Progresso, Buquets, Ambreados, Cigarilhas Soltas, Electra, Brasil Club, Mariotto, Ve-
nancio Neiva, Albertino, Chumbados, Boqua, Venturosos, Minicos, Victoriosos, High-Life, Daniel, De-
licados, Estrella, Orion, Circulares, Mascotta, Fidalgo, Santo Antonio, Dois Amigos, Sem Rival, e outras
Innumeras marcas. — Fabricados com fumo de primeira qualidade

Mantêm sempre grande stock dos cigarros Damenann e Stender, da Bahia,
e variados artigos para fumadores, os mais exigentes.

TRABALHAM EM SUS OFFICINA 240 OPERARIOS



Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

Motores OTTO da Motorenfabrik Deutz

FUNDADA EM 1864

PRIMEIRA E MAIOR FABRICA ESPECIALISTA DO MUNDO



A força motriz mais barata para industria de luz electrica

Instalações a gaz pobre, construção moderna e aperfeiçoada, trabalhando com lenha, pó de serra, residuos, bagaço, cascas, etc.
Simplicidade extraordinaria Durabilidade incomparavel. Segurança absoluta de serviço.

Offerecem-se todas as garantias

SOCIEDADE DE MOTORES DEUTZ — OTTO LEGITIMO, LTDA.

AGENTES NESTE ESTADO — **G. PETRUCCI & Cia.**

O GRANDE REMEDIO BRAZILEIRO

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO EM 1922



ELIXIR DE NOGUEIRA.

GRANDE REPARATIVO DO SANGUE.
União de extratos de plantas e minerais. Único que tem o seu endereço na Via do Fico.
VENDE-SE EM TODO O BRASIL E REPUBLICAS SUL AMERICANAS

NO ACRE!

HYD-XAR PU
de Novembro

Ilms. Srs. Viuva Silveira e Filho

Rio de Janeiro — Venho por meio da presente agradecer e tornar publico o grande e espantoso resultado que obtive com o uso do vosso poderosissimo preparado o Elixir de Nogueira.

Achando-me ha mais de um anno sofrendo de uma erupção de pelle coceira e manchas em quasi todo o corpo, molestias estas attribuidas a grande variedade de caças que costumo comer durante as minhas constantes viagens pelos rios do Amazonas, como sejam: Jacaré, Onça Vermelha, Gato Maracá, Tamanduá, Macacos diversos, Capivara, Aves, Peixes de couro e outros que seria infinito mencionar; inclusive conservas de varias qualidades. Recorri ao poderoso preparado Elixir de Nogueira, fórmula do saudoso clinico João da Silva Silveira e com o uso apenas de cinco vidros fiquei radicalmente curado, tendo augmentado o meu peso mais cinco kilos. Hoje me sinto, forte, satisfeito e alegre pelo resultado obtido, continuando a minha vida de propagandista e viajante pelo rios do Amazonas, fazendo uso das mesmas comidas e nada mais sentindo. Venho portanto, a bem da humanidade sofredora, tornar publico e registrar mais este importante caso de cura com o Elixir de Nogueira. Poderão fazer da presente o uso que lhes aprouver De V.V. S.S. Amo Alto, Cro.



JULIO MASCARENHAS

Grande propagandista do Elixir de Nogueira, Comissario da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, Agente de Companhia de Seguros, Caza Bucarias, Kava-Cas, etc. etc.

Julio Mascarenhas

O ELIXIR DE NOGUEIRA — Vende-se em todo o Brasil e Republicas Sul-Americanas. (2)

FAZENDAS

EM GROSSO E A RETALHO

Teleph. 282

CAIXA POSTAL, 55.

Rua Maciel Pinheiro, 138.

PARAHYBA DO NORTE

**Tecidos de algodão de cores
fixas e padronagem moderna
para todos os preços.**

FAZENDAS FINAS: voiles, organdys, phantasias lisas, estampadas etc. de impecavel bom gosto.

Os srs. ALBERTO LUNDGREN & COMP., proprietarios da Fabrica Paulista, são estabelecidos, além de em varias capitães e cidades do interior de Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte, etc., em Cabedello, Alagôa Grande, Campina Grande, Itabayanna, Ingá, Guarabira e Rio Tinto, neste Estado, mantendo em todas essas casas, tomadas as devidas proporções, o mesmo sortimento de esta capital.

"REVISTA FEMININA"

Grandes premios em dinheiro

50.000\$000 serão distribuídos aos assignantes da «REVISTA FEMININA», por um plano de sorteio absolutamente novo em nosso paiz.

Eis esse plano: cada grupo de 5 mil assignantes novos, ou de assignantes que reformem este anno suas assignaturas, formarão uma série. Estas séries serão em numero de 5: e obedecerão a ordem alphabetica, isto é: Série A, Série B, Série C, etc. A cada uma destas séries será offerecido em dinheiro:

Um premio de 2.000\$000 — **Dois** premios de 1.000\$000 — **Sets** premios de 500\$000 e, finalmente, **Quinze** premios de 200\$000.

O sorteio

O sorteio destes premios será realizado em principios do proximo anno de 1924, após a sahida do monumental numero do Natal e sob a fiscalisação do governo.

Porque se deve assignar a "Revista Feminina"?

Porque são verdadeiramente innumerables as vantagens que gosam todos os assignantes do mais bello, util e artistico «magazine» que se publica no Brasil.

Algumas dessas vantagens

Todo o assignante da «Revista» tem direito a um desconto de 5 a 10 por cento sobre toda e qualquer compra que faça nos grandes estabelecimentos do Rio, por intermedio da nossa «SECÇÃO DE COMPRAS E REMESSAS». Esta instituição é a unica em seu genero, que existe em nosso paiz. Seus resultados são verdadeiramente assombrosos, pois que as economias que toda a dona de casa ou chefe de familia **realisa durante um anno, comprando por nosso intermedio todo e qualquer artigo**, attingem proporções enormes. Mas, além desta **importantissima** regalia, que gosa todo o assignante da «REVISTA FEMININA» tem, ainda, todos os numeros mensaes da Revista, lindos e magnificos volumes illustrados, com esplendidos contos, artigos, poesias, ultimas novidades da moda, modelos de bordados, rendas, labores de agulha, receitas utilissimas, sobre tudo que relacione com a vida domestica, etc.

Que outras vantagens gosam ainda os assignantes da "Revista Feminina"?

1.º—O direito á aquisição, por insignificantes prestações mensaes, das lindas e luxuosissimas bibliothecas da Revista, admiraveis colleções que tanto se prestam á ornamentação de um interior elegante, como podem constituir um precioso e delicado presente.

2.º—O direito de exporem em nossa «EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE TRABALHOS FEMININOS» quaesquer labores, como: rendas, bordados, roupas brancas finas, para creanças e adultos, etc.

Trabalhos estes, de cuja venda deduziremos apenas uma percentagem minima, para custeio desta importante secção.

Outras vantagens

Incumbimo-nos, ainda, gratuitamente, no intuito de auxiliarmos os nossos assignantes do interior, do despacho de qualquer requerimento, de pedidos de remoção e ferias, de averbamento de titulos, etc.

O maravilhoso numero do Natal

E por ultimo, como o mais bello e rico brinde de festas, offerecemos aos assignantes o maravilhoso numero do Natal, volume de mais de duzentas paginas de texto, com centenas de illustrações, trichromias e gravuras de toda a especie. Só este monumental numero do Natal, por seu valor e importancia, compensa altamente o custo de uma assignatura: a insignificancia de 15\$000 por anno.

Por todas as immensas vantagens acima enumeradas, vantagens estas que na America do Sul, **só e unicamente** a «REVISTA FEMININA» proporciona a seus amigos e leitores, nenhum chefe de familia, nenhuma dona de casa, nenhuma pessoa, enfim, de cultura e elevado gosto deve deixar de enviar immediatamente a esta redacção o seu pedido de assignatura.

* Immediatamente a esta leitura remetam sua ordem de assignatura, ao seguinte endereço: REVISTA FEMININA — RUA CONSELHEIRO CHRISPINIANO, 1, (sobr.) — S. PAULO.

* Todos os pedidos devem vir acompanhados da importancia de 15\$000 e mais 1\$000 para o registro postal do grande numero de Natal.

* Farão jús, assim não só a um anno da mais agradável e sã leitura, ás excepçionaes vantagens de ordem economica que a Revista offerece, como ainda, á propria inclusão no numero daquelles que, como o presente de Boas Festas, terão a grata satisfação de se verem contemplados nos sorteios dos 50.000\$000, que a «REVISTA FEMININA» distribue aos seus assignantes.

Mandem immediatamente seu pedido de assignatura, ou a ordem de reforma da que acaso possuam.

A ERA NOVA é, sem nenhum exagero, actualmente, a melhor revista publicada no norte do Brasil. Dêz que surgiu, se tem rumado sem deslises na directriz em que se traçou, por isso que lhe não ha faltado o apoio do publico, que dest'arte poderosamente contribue para a sua brilhante victoria no periodismo illustrado indigena.

ERA NOVA é a publicação de maior circulação neste Estado, desde o littoral até o alto sertão, sendo já hoje innegavel

a sua situação em os outros Estados, onde incessantemente vae adquirindo a sympathy

gandista e seu amigo, visto como quem a lê reconhece o modo carinhoso e o esforço

lhores publicações suas congeneres.

Com officinas de gravuras proprias, a cargo de competente photo-gravador, mantêm em suas paginas um impeccavel serviço de *clichérie*, como fazem prova as nossas edições especiaes.

Quanto á parte intellectual, um dos brilhantes factores do seu successo, a sua direcção lhe tem sabido imprimir um cunho de in-excedível brilho, escolhendo um luzidio corpo de collaboradores entre os nossos melhores homens de letras.

"ERA NOVA"
BI-MENSARIO DE PROPRIEDADE DA PARANIBA

Condições de assignaturas

NA CAPITAL		FORA DA CAPITAL	
Anno	20000	Anno	22000
Semestre	11000	Semestre	12000
Numero avulso - - - - - 15000		Numero avulso - - - - - 16000	

As assignaturas devem terminar sempre no meio de dezembro de cada anno.

thia e a admiração de seus leitores.

Cada assignante desta revista torna-se para logo seu prope-

herculos que presidem a sua concepção, chegando sem contestação a figurar sem desdouro entre as me-



VENDEM:

F. NAVARRO & FILHO

R. Marçal Pinheiro
 — 212 —
 PARAHYBA

ERA NOVA



eternidade na noite...

Maravilhosa — guardas sob a túnica negra do teu merencorio silencio as migalhas da Alegria e da Dôr crescente que envolvem o Homem nesta agitada Hora que passa, longa, renovando-se: sempre e sempre!

Profunda és na immensa tristeza ensanguesscente; na escuridão alfinetada pela fixidez de fogos-fatuos eternos; oh — inspiradora unica de suaves ternuras e soffrimentos grandes!

E deito-me purificado pelas scissuras.

O vento brando que, então, entra pela janella escancarada, toda aberta aos meus sonhos, acaricia-me o rosto de mystico pensativo com os olhos sem luz perdidos no vago exterior das meditações.

Minha santa solidão!

Eu só.

Nenhum symptoma animal; eóinbo; divina-mente só.

Passos em cadencia se fazem ouvir num

longinquo éco — ainda bem longe;

vêm — avolumam-se; chegam:

é um som mysterioso do Ho-

mem lá fóra, daquelle

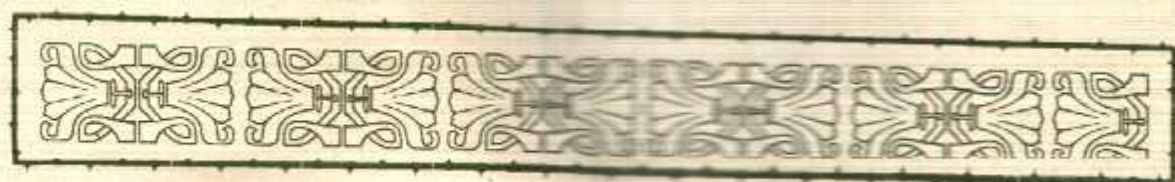
Homem no outro

lado, talvez

na calçada,

andando...

A D H E M A R V I D A L





Mme. Naty Ribeiro

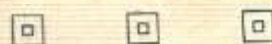
e sua irmã

Mlle. Toinha Trigueiro,

da

sociedade

pernambucana.



Mlle. Antonina Fon-

sêca, (Nina)

filha do sr. Otto

Fonsêca, admi-

nistrador dos

serviços de

Saneamento Rural

neste Estado.



Uma nota inferior, que a Faculdade de Direito não cõra em deixar às vistas de todo o mundo, é o seu desprezo á tradição. Aliás, já isto notou com muito brilho o sr. Gilberto Freyre. Estou lá ha cinco annos e nunca ouvi numa roda de estudantes conversas de reminiscencias. E estas existem, e bastante pittorescas.

Em sua «Memoria historica da Faculdade de Direito», o dr. Phaelante da Camara tratou algumas com uma pontinha de ridiculo. Por exemplo, a daquelle professor «que se sentava nos bancos lateraes da antiga ponte da Boa Vista para tomar nota dos estudantes que andavam á noite passeando *«au clair de la lune»*.

Tinha sempre a impressão de que eramos os primeiros alumnos que iam cursar a Faculdade. Avós, bisavós, não existem, ou por outra, deixam-n'os a um canto, egual a certas familias que escondem aos olhos das visitas alguma tia velha de cõr equivocada. Quasi todos ignoram que Zacarias de Góes, com a sua cara de frade culto tivera uma cathedra em Olinda.

Actualmente, o sr. Netto Campello, querendo remediar isto com uma nota decorativa, encheu as largas parêdes da Faculdade de retratos, desde o Visconde de S. Leopoldo até os amanuenses actuaes. Foi uma consagração á grande. Chegou mesmo a banalisar a homenagem. Não curou, entretanto, o sr. Netto Campello, o mal. Uma béca continúa em ridiculo nos meios da Faculdade. Ha bem pouco tempo um professor me dizia que a não vestia porque tinha nojo. Mesmo, para que béca para ensinar áquelles rapazes apressados que nos dão a idéa de que estão alli se preparando para tratar de machinas? Ha em todos elles uma certa vontade de sair d'alli. O util vence a todos. Podemos applicar, ás avessas, esta observação de Bristed sobre as universidades inglezas; escolas que excluem tudo que necessita um homem para estar atrás de um mostrador. Os proprios professores chegam á escola ás carreiras. O automovel na porta e o relógio entre os dedos, contando os minutos, para correr depois ao constituinte. Não ha esta volupia de ensinar, mesmo porque não existe aquella de aprender. Os rapazes ficam na escola creando tamanho para a promotoria, para o emprego publico. Eu sempre fugi da Faculdade como de lá fugiria qualquer pessoa de espirito. Não tinha com quem conversar, nem mesmo com quem trocar ideias.

Alli, naquelles amenos corredores do pateo onde alguém já descobriu um lindo recanto para descansar a cabeça de uma indigestão de idéas, os rapazes discutem politica, foot-ball, e coisa nenhuma.

O erro maior de todos foi arrancar a Escola de Olinda, onde ella lá se enraizando, creando este sujo de velhice que é um encanto. Sujo de velhice que Emerson, cansado das coisas novas de sua terra, fôra com os seus largos peitos de homem a aspirar em Oxford, e depois dizer que uma universidade deve ser retrospectiva. «O vento que dá direcção ás bandeiras de suas torres sopra do lado da antiguidade». Olinda, pelo seu todo de cidade monastica, tinha mesmo o seu ar de Coimbra. O barão de Penedo via nella uma grande semelhança com a velha universidade, até nos costumes, e nos ditos chistosos. O dinheiro do Recife, que humilhou Olinda, a todo ponto, não lhe deixou este luxo de uma Academia. O Recife sempre primou em ser uma cidade estúpida. Uma cidade estúpida ao lado de outra de espirito, é como certos homens estúpidos que vão aos leilões dos seus vizinhos de gosto comprar-lhes as preciosidades e abandonal-as depois, em casa, pela cozinha.

ALGUMAS NOTAS SOBRE A FACULDADE DE DIREITO DE RECIFE

por JOSÉ LINS DO REGO

Deixaram á Olinda o destino pouco distincto de uma democratica praia de banhos, onde poderia ter crescido uma cidade tranquilla, a unica cidade universitaria que teria tido o Brasil.

Lá no alto com muitos coqueiros, em baixo a paisagem marinha para descansar os olhos, as torres enverdeadas de lodo, sem bondes electricos, estudantes morenos de capas pretas, mestres graves a quem de longe tirariamos o gôrro, e á noite um grande silencio depois das nove, dadas no sino de S. Bento, poderia ter crescido assim Olinda, se a não houvessem abandonado miseravelmente.

Em 1939 andou pela Faculdade um poeta, o sr. Raul Bopp, o unico poeta que tem pisado na academia nestes 15 annos. Raul Bopp veio curar no Recife arrastado pela fama de Olinda. Eu me lembro do desengano dos seus olhos quando elle entrou no tal chamado templo do direito, com um

grau chapéo de palha entre as mãos, e aquella sua cara comprida e branca de mystico da Dinamarca. Os seus olhos azues procuraram alguma coisa que não encontraram. Então tratou de morrer em Olinda, levando uns cinco rapazes. Fui, também, com elle. Procurámos ver se conseguíamos outras republicas em Olinda, que outros rapazes fossem viver por lá. Foi em vão. É muito longe, dizem elles, e as casas são velhas. Era eu muito estúpido nesse tempo. Não soube acom panhar Raul Bopp, em suas investigações, em seus dias inteiros de igreja. Fandei ali um anno. O poeta compoz os mais bellos versos que já se fizeram á Olinda, encheu os seus cadernos de notas e um dia fugiu para o Amazonas. Hoje é caixeiro viajante este ultimo amante de Olinda, das «ruínas que vão morrendo de saudades», e das suas beasmas e do seu desamparo, e das suas torres velhas, e das coqueiras que se debruçam na praia, com attitudes de quem vem morrer.

O outro grande mal da Faculdade de Direito do Recife veio de Tobias Barreto.

Do tamanho literario deste mestiço, em que a ignorancia do tempo via um genio, já José Verissimo dera bem uns traços de alta critica. É preciso tomal-o agora como o creador da tal escola de vers, da Escola do Recife. Tobias sabia tudo para esta gente, até piano. Nunca ninguém esteve tão bem dentro desta gineira de Babel:—qui se sait se borner ne sut jámais écrire. Era chamado, e por toda esta sua abundancia de chuva tropical, o homem de grande talento que elle era se torna, para quem leia hoje uma sua pagina, enlaidonho, como enfadonho continúa o seu maior discipulo Sylvio Romero.

Não podemos dizer que Tobias Barreto fôra o nosso peccado (já já nos fosse dado peccar) como a reforma cartesiana fôra o peccado francez e Lutero o peccado allemão (Jacques Maritain). O seu espirito de racionalista teve uma actuação facil e perigosa. Enxotando um centro sem tradição, de cultura quasi nenhuma, Tobias não lutou, não teve de levantar a voz para rebater uma equívoca acção. Quando tinha que se defender usava sarcasmos contra velhos simpliciosos. Não os venciu, ridicularisava-os. Dahi o seu rapido triumpho. Exhibiu com mais vontade do que ensinava. Era misticismo em seu entusiasmo de «novo culto». Homem de grande talento, de larga erudição, falando allemão escandido para o tempo, orador do gosto do povo, elle só poderia ensinar.

E foi assim arrastando-nos para o evolucionismo como se nos levasse para uma piscina de purificação. Faltou-nos um «orador audacioso e provocante como um heresiarcha». S. Tho-

OS TEAMES DE "FOOT BALL"

DA ESCOLA DE APRENDIZES

ARTIFICES E DA ESCOLA DE

APRENDIZES MARINHEIROS



max de Aquino não teve sequer um arremêdo de defensor.

Representou-se no círculo pequeno de nossa Escola uma caricatura do drama tragico do século XVII, quando Descartes e Bacon levantaram sem resistencia nenhuma as suas armas contra a philosophia escolastica. Nem ao menos tivemos aquelle P. Daniel, de que nos fala Maritain, para nos fazer rir com a sua graça ladina e a sua elegante ironia.

A' philosophia classica só lhe deixaram as homenagens de mofa dos rapazes da «Folha do Norte».

Que estudante abria a bôcca para não acreditar em Darwin? Fim Deus sim, não se acreditava; entretanto, estou certo que a maioria daquelle tempo cria no *pithecanthropo* como se elle estivesse com uma corrente ao pescoço, preso no quintal.

Eu não sou um dos que gritam pelo genio de Tobias. Talento de divulgador teve elle. Mesmo neste aspecto não fez obra de espantar. Que difficuldades encontrou elle deante dos olhos? Encontrou uma massa inerte á espera de quaesquer mãos que lhe dessem qualquer plastica.

Encontrou rapazes que começavam a lêr Hugo e a falar emphaticamente em direitos do homem.

Tobias, mesmo querendo destruir Herculano, falou de si mesmo.

«Herculano teve, no meio da sua actividade, uma ventura rarissima:—achar-se frente a frente em lucta renhida, com um clero ignorante; o qual assim concorreu para dar-lhe todo brilho e renome ulterior.»

A sua acção foi, portanto, facilissima. Ademais, o grande realce de sua erudição ante professores ingenuos. Tivesse surgido naquelle tempo Farias Brito a coisa seria outra. Ter-se-ia attenuado essa praga medonha do evolucionismo applicado a tudo.

Ainda hoje a Faculdade ouve a Tobias como si elle ainda tivesse a sua cadeira na congregação.

Não deram um passo acima delle. E se deram foi para peor. Toda a mentalidade academica de hoje é evolucionista. Eu saio de lá este anno sem nunca ter ouvido falar em René Quinton, nas suas observações experimentaes contra os dogmas da evolução, sem nunca ter escutado da bôcca de um professor uma referencia digna a S. Thomaz, a Pascal, á lei da permanencia, á renascença thomista.

Uma vez, na bibliotheca eu pedi a «Summa Theologica». Foi um escandalo para os rapazes e um espanto para o empregado. Ha muito tempo que não se consultava allí a «Summa Theologica». Quem quizer fazer um juizo certo do nosso movimento academico vá á bibliotheca. Si não encontrar a sala vazia, verá rapazes lendo o *Diário* com barulho ou então outros mais

adeantados consultando tratados traduzidos. Convencidos que qualquer indagação abstrata é uma inutilidade, que Haeckel desvendou tudo, chegaram elles a um estado de espirito muito abaxo dos seus collegas de Olinda. Porque, pelo menos, estes paravam em frente de uma grande verdade, embora ouvindo mestres de collête de xadrez e de caixinha de rapé.

Em Olinda, onde, como refere Aprigio Gulmarin, os rapazes sabiam humanidades, havia espirito de corporação e, nos corredores de S. Bento, os discipulos de Platão e Fenelon pensando que o mundo era Olinda imaginavam corrigir as leis sociais de Deus.

Havia muito maior encanto nesta rebeldia de passaros, que na ridicula descrença dos discipulos do sr. Laurindo Leão.

Um amigo meu, que é dado, como toda gente entre nós, a parallelos, chegou a comparar a acção de Tobias Barretto á revolução coimbrã. Nunca vi tanta felicidade em parallelos. E' verdade que, pelo canal de idéas que aquelles moços de Coimbra abriram para Portugal, passaram a democracia, o evolucionismo e outras coisas bem podres. Mas, apesar disto, correu por allí muita agua limpa de belleza. Agua que Anthero bebeu, que de tão quente e pura lhe queimou a vida.

E' verdade que por esse canal passaram, como esses monstros que descem pelos rios cheios, Hugo e Zola.

Por outro lado desceu em correnteza e remoinho, um santo, e ás vezes, diabolico, espiritualismo, que encheu a obra de Eça, a obra de Oliveira Martins, a obra de Santo Thyrsso, a do conde de Sabugosa, os sonêtos de Quental.

Depois houve para este movimento de Coimbra uma finalidade de arte e politica. O sr. Antonio Sardinha chegou a dizer que sahiram de lá os primeiros reacionarios contra a democracia. Fradique Mendes foi mesmo eleito o pae da contra-revolução. Basta vermos a descendencia que salu do movimento de Coimbra: O sr. Fidelino de Figueiredo, o critico mais agudamente critico que já deu a sua raça até hoje, o sr. Antonio Sardinha, Alfonso Lopes Vieira, o conde Alberto de Monsaraz e toda a geração de integralistas.

E de Tobias o que nos veio? Os Bevilacqua, os Arthur Orlando, os Laurindo Leão e depois os netos, que peoram os avós, como os srs. José Euclides e Alcides Bezerra. E Augusto dos Anjos? dirão elles.

Coitado de Augusto, que teria sido o unico grande porta de seu paiz, se um amigo lhe houvesse arrancado das mãos finas os livros miseravejs de Haeckel.

PELOS ESTADOS

MANAOS

No dia 13 de maio foi lançada em Manáos a pedra fundamental da «Usina Rosas», estabelecimento destinado ao beneficiamento da borracha—a hevea amazonense—e da batata.

O acto teve grande imponência pela considerável assistência de todas as classes sociais, officinando a benção solenne o illustre arcebispo D. João Irineo Joffily.

A realização dessa grandiosa empresa em perspectiva, que importa no soerguimento economico do Amazonas, deve-se á reputadairma J. G. Araújo, da qual é unico socioresponsavel o sr. commendador Joaquim Gonçalves Araújo e ao auxilio dos filhos deste—Agasilau e Aluisio.

Aquelle, portuguez de nascimento, ha mais de 50 annos reside neste Estado, onde, constituindo familia, tem empregado todas as suas energias e a sua grande capacidade de trabalho em beneficio da terra dos barés.

O commendador Joaquim Gonçalves de Araújo foi o mesmo que concebeu e execu-

tou, ás suas expensas, o cinema film—No Paiz das Amazonas, que acaba de alcançar grande exito no paiz, como foytamente, egual successo obtieni na Europa e na America do Norte.

Commerciante e industrial de grande destacino, o commendador Araújo movimenta no Amazonas varias empresas commerciaes e industrias de notavel valia, tendo recebido com uma coragem espartana o vendaval que a ruindo este colosso.

Agora, mais esse empreendimento da fundação da Usina Rosas para o beneficiamento da borracha e da batata, grandes factores da riqueza do Amazonas, trazi de certo a valorisação desses productos regionaes, assegurando assim o futuro do Estado.

A magnifica planta do respectivo edificio foi levantada pelo habil engenheiro architecto Dr. Aluisio Araújo, filho do referido commendador, e sob a direcção e fiscalização immediata daquelle seer continuada a grande obra.

A noticia da nomeação de D. João Irineo Joffily para arcebispo do Paiz foi recebida

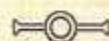


Adelson Lucena

Estudante do Lyceu Parahybano.



POR DE SOL EM MANAOS



PHOTO

Bazar

Sportiva



Um aspecto da CHIELA do Rio de Conceição



A Parahyba atravessa um inverno dos mais rigorosos que hemos tido. Não ha um só ponto do Estado que não esteja chovendo abundantemente.



aqui com grande tristeza, apesar do acesso, porque o povo amazonense já estava acostumado a venerar o seu amado prelado, que soube pelo seu talento e ilustração, bondade e tratos carinhosos, e sobretudo pela superioridade de espirito, captivar os habitantes da terra do heroico indio Ajuricaba.

Talvez, somente em outubro vindouro, D. Irineu seguirá para Belém, se antes não fôr visitar a sua illustre familia na tradicional Filippéa.

Têm causado aqui grande consternação as inundações que vêm victimando as populações nordestinas, e mais tristeza tem causado ao nosso povo, porque este, pelo seu flagello actual, se encontra impossibilitado de ir em auxilio dos parahybanos atingidos pela catastrophe, como uma retribuição ao que fez a Parahyba, pela mão bondosa do seu preclaro Presidente, Dr. Solon de Lucena, em 1921, aos amazonenses, victimas naquelle anno das suas inundações periódicas.

Ha dois annos que o Amazonas não vem experimentando os horrores desse phenomeno, e a uma inundaçāo na Amazonia na proporção das actuaes do nordeste, ninguém aqui escaparia, porque o volume d'agua nesta região equivale a um mar d'agua doce. Só o rio So-

limões dá curso até Iquitos, do Perú, a grandes transatlanticos.

Já se vai falando em palestras e nas rodas politicas da futura successão governamental.

Entre outros cidadãos apontados, é lembrado o nome do grande republico General Barbosa Lima, senador por este Estado.

Fôra dos credos politicos partidarios, ha grandes desejos de que a curul governamental, no futuro quadriennio, seja occupada pelo eminente parahybano D. João Irineo Jollity, arcebispo do Pará, sem que, esses mesmos que desejam a candidatura do illustre arcebispo, olhem mal a do senador Barbosa Lima, nome feito no mundo politico do paiz, como administrador, que foi em Pernambuco, na Presidencia Floriano, e como extraordinario parlamentar.

(Do Correspondente)



Senhorita MARIA DA PENHA VINAGRE, diplomada pela nossa Escola Normal



De EUDES BARROS

Características de um momento literário

Fernando Brunetière e Andrew Lang quando traçavam em sábias syntheses o caracter literario do seculo passado, se bem conferissem a esses cem annos tumultuarios, imprevisos, intensos, "a palma da literatura", não deixaram de lamentar-lhes a ausencia, nos ultimos quartéis, de obras verdadeiramente insignes e profundas.

Ambos appellaram para os nossos dias como esphéras propicias ao desenvolvimento de uma literatura de genios...

Dizia Brunetière dos poetas contemporaneos que "qualquer que seja o talento que tenham provado, o amor á verdade obriga-nos a confessar que nenhuma das suas obras produziu, ao apparecer, esse effeito de emoção súbita e universal que resultou outrora da apparição das *Meditations* de Lamartine, ou de *Les Amours*, de Ronsard". E concluia o grande critico nesta dubitativa consolação:

"Animemo-nos e esperemos que a desejada obra prima se elabore na sombra para vir a illuminar com seu brilhantismo a aurora do seculo que breve vai começar".

Secundou-o a franqueza britannica de Andrew Lang:

"A literatura do momento só em um sentido é animadora. Em não poder ser peor: é a escuridão que precede a aurora..."

São, de ordinario, a alma e o cérebro de uma época de uma inevitável conformidade com as emoções e idéas do povo então em hegemonia. E' como que o reflexo extensivo do mais poderoso...

O yankee que á lyra do poeta e do musico oppõe rudemente o dollar dos seus rich men, a azáfama e vertigem de uma civilização prosaica e ferrea; os films ás obras dramaticas; ao azul do céu a allivez babelica e material e bronzea dos edificios de New-York; o yankee é dono deste principio de seculo.

Os Estados Unidos estão, hodiernamente, mais do que nunca, afastados da imaginação, do convívio dos grandes espiritos como Maeterlinck, D'Annunzio, Anatole, Unamuno, Ibanez, que refulgem ainda—mas retrahidos e esporádicos—na literatura moderna.

No seculo desanove, quando o cérebro dos povos mais pensára e concebêra no predomínio do Romantismo independentizando a Idéa das regras coercitivamente clássicas, a pratica das bellas letras nos Estados Unidos desapparecia no snobismo e no utilita-

rismo dos espiritos de então, ansiando proliferar e só proliferando novellas de aventuras e simplórios trabalhos de educação primaria, como em Pedro Parley, e enchendo a patria de magazines e livrarias...

E' verdade que Irving e Fenimore Cooper são valiosos de eminencia na literatura daquella gente mas "simples gentlemen americanos de educação e

A actualidade literaria dos Estados Unidos, já sem aquellas rarissimas excepções, predomina, em geral, em intuitos praticos, nas sciencias naturaes, sociaes e politicas, no pragmatismo...

"A vida imaginativa é fraca (diz um proprio criticista yankee,—o erudito Spofford,) e quando é sentida é crua; o pulso poetica é.... imperceptivel".



A DONA DOS
MAIS LINDOS OLHOS
DE RECIFE

Abriamos espaço na presente edição para o clichê do nobre Aurora Salgueiro Ramos, a victoriosa da interessante certamen dos mais lindos olhos, promovido no Recife pelas nossas distincções confrades d' "A Pilheria", revista illustrada que se publica allí sob a direcção do jornalista Porto Seguro.

gostos, que uma democracia chã produz nos seus melhores exemplares", cultivavam as letras por sport como depois Holmes, o mais typico escriptor yankee, e mais nacionalmente festejado e talvez por isso o de maior valor...

Nos Estados Unidos só despontou um genio que pelo motivo de ser uma sentimental idealidade latina "não há na sua natureza de ser nenhum vestigio de origem norte americana..." E' Edgar Allan Poe, que a Patria deixou morrer na miséria mas a cujo extraordinario genio todos os povos intellectuaes prestam homenagem.

Vem depois Longfellow, o poeta de *Voices of the Night* que caracterizando com Emerson e Hawthorne, definitivamente, a literatura americana é, porém, uma especie de alibi em meio á orla espirital de sua nação.

No entanto o Seculo procura rumar-se deslumbrado e boquiaberto, pelos Estados Unidos que desprezam as obras da literatura, inolvidaveis e eternas, e que, debalde procurarão projectar na Historia a mole dos seus arranha-céus incriveis, das suas pontes, os seus cinemas, os seus banqueiros....

••

Em literatura, nós, os brasileiros, (para nos não referirmos ás demais nacionalidades) atravessamos uma época semelhantemente, na sua irreflexão, aos primordios do seculo XVI, em França, em que, na ironia intelligente de Demageot, "os que pensavam, conheciam pouco a arte de escrever e os que conheciam a arte de escrever, pouco ou nada pensavam...."

DA VILLA BRANCA EM QUE EU NASCI

a Gustavo Torres

Erguida sobre o dorso azul da Borburema,
a villa em que eu nasci
é um luminoso, um pequenino poema
de encanto e graça.
Nas manhãs claras de verão ardente,
quando o Sol, como um deus adolescente,
entre caricias fúlguras, a abraça,
ella esplende e sorri.
E' que o Sol nella tem a noiva amada,
— a Preferida, a Eleita
da sua luz, do seu amor.

Todos os dias ella o espera insatisfeita,
ansiosa de carinho e de fulgôr,
guardando em cada bocca, em cada
ninho um sonoro canto de alegria
com que celebra a gloria da Alvorada
e o triumpho esplendido da Luz.
E que deslumbramento na scenographia
da paisagem que os olhos inebria!
E que milagres de harmonia
o Sol na alma dos pássaros produz!

Sobre ella a Noite tece,
com as suas mãos de sombra, uma grinalda
de estrellas luminosas
ou desfralda
um véo místico de luar.
E as casas, brancas, silenciosas,
sob o brilho dos astros reluzentes,
parecem monjas penitentes
que estão de joelhos, a rezar.

Na penumbra das minhas nostalgias,
evoco-a, bello-lhe a lembrança.
Lembro as minhas primeiras alegrias,
alegrias ruidosas de creança

que, por insineto, canta e ri...
e a minha adolescencia, o Sonho pleno de ansias,
os meus silencios intimos de poeta,
os primeiros desejos da alma inquieta,
as primeiras angustias que soffri...
e as horas longas em que o meu olhar
auscultava o mysterio das distancias,
a interrogar, a interrogar...

Mais tarde, apenas a tristeza
de ver a minha aldeia desaparecer,
ao longe, sob a nevoa fina
do amanhecer,
e o esfumado perfil de uma collina
a se interpôr
entre ella e a minha dôr...

Hoje, na téla de oiro da Memoria,
meu pensamento descortina
a minha aldeia, branca e pequenina,
num fundo de paisagem merencoria.
E, ao recordal-a, sinto que me invade
uma suavissima melancolia
que se espalma
e se amplia
na beatitude do meu mundo interior...

A villa em que eu nasci é uma illuminura
que fulgura
dentro em minha alma,
no Livro de Horas da Saudade.

E há-de sempre fulgir em luz, em côr,
em belleza e em perfume,
porque na sua imagem se resume,
de modo mais completo,
a historia emocional do meu primeiro affecto,
que é a lembrança feliz do meu primeiro amor!

P E R Y L L O D O L I V E I R A



A PARAHYBA

MODERNA

Residencia do cel.

Heronides Cunha,

no bairro das Trincheiras.



RECEPÇÃO OFFERECIDA A' SOCIEDADE PARAHYBANA PELO "SPORT CLUB CASO BRANCO", EM HOMENAGEM AO SEU CONSOCIO DR. JOÃO SERRA

Confronto de gerações

Rua Nova, que se publica em Recife sob o patrocínio intellectual da mais nova geração de literatos pernambucanos, é para aquella vizinha capital o que para o nosso meio de letras é *Era Nova*.

Inspirou a publicação de *Rua Nova* a ephêmera e colorida futilidade da intensa arteria da cidade venesiana, vitrina de bonequinhas vivas e inquietas e gentis e bonequinhos de oculos de tartaruga e livros de versos no prelo; dessa juventude elegante que passeia pela literatura como se passeasse pela rua Nova...

Ao passo que inspirou a publicação de *Era Nova*, esta era de renascença mental, de realizações e concepções luminosas de um povo que se sente realmente numa era nova de sua vida literaria.

Ambas as revistas, *Rua Nova* e *Era Nova*, representam a psychologia literaria das duas vizinhas gerações...



MIL. ARIGAIL SOUTO

Chefiam a intellectualidade joven de Recife, Mario Sette, o auctor nacionalmente applaudido de *Senhora de Engenho*; Gilberto Freyre, o principe dos chronistas recifenses, elegante e culto; Lucillo Varejão, o romancista festejado do *Destino de Escolastica*, *De que morreu João Feital* e *Teia de Desejos*...

Militam á vanguarda de nossa mocidade de letras um dos maiores escriptores brasileiros contemporaneos, o espirito mais classico da literatura nacional, que é Carlos D. Fernandes, cujo nome, desde os verdes annos, só cuncta obras-primas; Alvaro de Carvalho, o critico erudito e profundo de *Revolução da Escrita* e *Ensaio de Crítica e Esthetica*; o oraculo de honestidade e humanismo de tantas conferencias inestimaveis; José Americo de Almeida, esse irmão parahybano de Euclydes da Cunha, o autor tão proficiente e douto de *Parahyba e Seus Problemas* e irresistivel humorista de *Reflexões de uma ca...* dor sacro, o philosopho christão de *A Reli...*



Barragem do Açude Taperoá

Vista do Corcamento

gião e o Progresso Social, cuja erudição haurida, em criança, no recolhimento dos claustros, aperfeiçoada na cathedra e na tribuna, é hoje tão rara no Brasil...

São esses os directores mais insignes da mentalidade parahybana.

E digam que a Parahyba não é o Estado mais intellectual do Nordeste?!

R. Moreira Sobral

COLLABORAÇÃO

nha vida de contrariedades na Villa da Lucta.

Apenas transpuzera o limiar do portão, deparou-se-me o meu cavallo de carro.

Pobre Almofadinha! Era mais um esqueleto do que mesmo um cavallo: as costellas miseravelmente á mostra, as crinas caídas e mal cuidadas, dirigidas para o chão, os olhos tristes e

ramclenlos. Tivera igual sorte a Galleja, uma burra nova e caríssima, que já fôra elegante, mas por se ter transformado em mumia, bem poderia ser digna consorte do Almofadinha, se physicamente não estivesse elle privado de cuidar em esponsorios.

Logo me appareceu o João Raymundo, que fazia as vezes de cocheiro. Era um rapazinho fauboso e amarello, de cabelo encarapinhado.

Toca razões. Os animaes, sobretudo o Almofadinha, estavam com fastio, o capim sobrava no cocho e até o milho era olhado com desdém... Ainda outro dia, disse-me elle, em tom piedoso, o pobre animal ao amanhecer fôra encontrado por terra, fazendo baldadas tentativas por levantar os quartos emmagrecidos.

Dei o calado em resposta, já estava farta dessa gente assalariada. Aquelles dois corpos de delicto eram explicações bastantes. Não queria perder ainda mais o meu tempo. Facilmente tirei as deduções. As esperanças do restabelecimento do meu cavallo voavam longe, no azul ethe-

Uma vida em apuros

Após uma estação na praia, onde apenas me refiz do abatimento physico que me legára massante febre puerperal, regresssei á Villa da Lucta.

Dá que pensar. Foi meu esposo quem assim baptizou a nossa moradia.

Eu me promptifiquei em confirmal-a, visto como esta locução, ao mesmo tempo que designa um sitio, regista a sorte de vida continuadamente activa que nos coube. Mas, esta applicação entrou como lá dizem, Pilatos no Crédo.

Quando voltei da praia, cheia de saudades do velho Atlantico, sempre novo e magestoso, e daquellas manhãs tão inspiradoras



"COLLEGIO DO SACRADO COLAÇÃO DE JESUS" DESENHO POR DOMINGOS DOROTHEAS, EM BANANEIRAS.



SUPPLEMENTO DE CRA NOVA - JUNHO DE 1924

Ladrão de moças

NOVELLA INÉDITA DE
JOSÉ VIEIRA

— Mal, nenhum.
— E então? Não ha por ahí tanta mulher? O sr. não tem tido tantas? Não tem tantas? Para que ha-de querer fazer-nos essa affronta?
Luiz Preto sorria alvarmente:
— Não tem que se lastimar muito, não, senhora dona. Está dito, está dito.
— Não pôde ser, senhor.
— Póde. Mandé a moça se apromptar.
— Mas, senhor, — poudé falar d. Mariana, — que mal lhe fez a pobre de minha filha? Diga, que mal? Isso não é uma perversidade sua?
O riso desfez-se no carão gordalhufo do sicario; seu corpanzil endireitou-se:
— Senhoras donas, deixemo-nos de chôro. Deixemo-nos de chôro!
Immediatamente, para Manuel Maria:
— Capitão, mande essa moça se apromptar! Daqui a pouco está ahí chegando gente, e eu quero ir-me embora já.
— Negro infame.

Foi o que conseguiu dizer.

— Vá-se preparar, moça. Se não quer, aonde a gente vae tem roupa p'ra mudar. Quer ir assim mesmo, como está?
Gercino atravessou-se entre elle e d. Josepha.

— Miseravel, tu estas com essa bravata toda porque nenhum de nós tem aqui nem ao menos uma quilha. Mas manda os teus cabros lá para fóra, deixa, deixa um desses claviestes e vá se to to atreves a repelle o que estas ahí dizendo.
D. Josepha interveiu outra vez.

— Senhor, não temos alguma coisa, o sr. deve saber. Tome para si o que é devido.

Luiz Preto não respondeu:
— Temos gado. Temos terras. Temos escravos. Temos dinheiro. Temos joias. Tome tudo para si. Mas, porque, agora, exigir a noiva do meu filho no dia, na hora do casamento? O sr. quer terras? quer escravos? quer dinheiro? quer joias?

Luiz Preto não respondia.

— Quer gado? Peça quanto quizer. Peça.

— Elle com a bocca cerrada.

— Peça. Leve tudo; carregue tudo para si.

D. Mariana additou:

— E nós, nós temos também alguma coisa. Por pouco que seja, dá para o sr. viver folgado a vida inteira. Fique com o que nós possuímos; fique com tudo para si. Mas não bula com a minha filha, pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.

A sua voz chorosa supplicava ainda mais do que as palavras.

A viúva do Capitão Joaquim Cruz, d. Josepha Cruz, mais conhecida, depois da morte do marido, por d. Josepha, da Pedra Branca, casava, essa manhã, seu filho unico—Joaquim Cruz como o pae, mas a quem os parentes e todo o alto sertão, onde elles viviam, numa mistura de carinho pelo rapaz e respeito pela familia, chamava, simplesmente Quincas Cruz.

Dizia-se que o fallecido lhes deixára, a d. Josepha e a Quincas, afóra a fazenda, que era um mundo de terras coberto de gado e de escravos, muito ouro, muita prata—ouro em pó, ouro em barras, e ouro e prata em dinheiro do Reino, além de uma panella de moedas quadradas do tempo dos holandezes. O sertão exaggerava. D. Josepha ficara rica, mas a sua fortuna, mesmo assim, não ia á altura da lenda; não tinha ouro em barras, nem ouro em pó, nem as moedas quadradas do tempo dos holandezes.

Quincas Cruz ia casar com u'a moça da vizinhança, filha de outro Capitão—o Capitão Manuel Maria, das Aguas Bellas—

(Conclue no proximo numero)

homem rico, de bom nome, porém rispido; o que levava uns a terem por orgulhoso, e outros, os mais próximos, a o justificar desta forma: aquillo é genio delle... Era genio, na verdade; porque Manuel Maria, aoavez do commun dos azeiteiros, nunca açoiou escravo por suas mãos, nunca se apoderou de terras alheias, construiu uma igreja, vivia para a família.

Por virem ainda a ser parentes e por costumarem os paes escolher casamento para os filhos, não intervindo estes senão com a obediencia e um amor que sobrevinha por necessidade de amar, dir-se-ia que o noivado de Quincas Cruz com Therezinha das Aguas Bellas proviera, antes de tudo, do conchavo costumeiro, nunca do auge de dois jovens corações incendiados de paixão. Se, porém, era certo que Manuel Maria se entendia com d. Josepha antes de ouvir a mãe a Quincas e antes de consultar o paé á moça, havia-o feito mais cedo, por ter certeza, certeza absoluta, de que os dois se amavam, pôde-se dizer—accentuava convencia a outra mãe—pôde-se dizer que desde meninos. Um domingo a família viera á missa na Pedra Branca, Manuel Maria saltou de sopetão, a d. Josepha—Prima, eu cuido que não lhe trago nenhuma novidade communicando-lhe que o seu filho arrasta a asa a minha filha. A senhora que me diz? Leva gosto nisso?

D. Josepha descobrira aquillo muito antes de Manuel Maria. —Novidade, para mim, isso não é, primo Manuel Maria. Faz tempo que eu venho notando esse... esse benquerer delles dois. Meu filho quer casar com a sua filha. Elle gosta della, e ella, se os meus olhos não mentem, deixe que lhe diga, gosta o seu tanto delle... Quanto ao que o primo me pergunta, o que eu lhe posso responder é que, para mim, este casamento será uma felicidade, não só por causa do nosso parentesco e da nossa vizinhança, como porque elles se estimam, pois se criaram, a bem dizer, quasi juntos, nenhum dos dois subindo ou se abaixando para egualar com o outro, e, além disso, primo Manuel Maria, porque este casamento é uma união que vae perpetuar a nossa gente nas mesmas terras em que nós nascemos e vivemos sempre e em que nasceram e viveram sempre os nossos paes e os nossos avós.

Dahi a uma semana d. Josepha apavea com o filho na casa grande das Aguas Bellas, para fazerem o peido.

O dia do casamento chegava agora, dia claro do serião, nos começos do inverno. A casa da Pedra Branca, caída, pintada de novo, apresentava-se muito limpa, as portas verdes, sob as suas quatro aguas, entre montes azues, com duas velhas

— Acalme-se, sr. capitão.

— Acalme-se o que, cachorro!

— Acalme-se, sr. capitão. Eu levo a moça, depois torno a trazer a para vossa senhoria. Ah!, o sr. Quincas Cruz se casa, não é, sr. Quincas Cruz?

Quincas movimentou-se para elle. Therezinha segurou-lhe o braço. E Luiz Preto:

Aquele-se, sr. Quincas.

— E olhou, com um signal, para os cabras, que, immediatamente, pegaram no cabo dos clavinotes. Nenhum dos homens da casa trazia armas consigo. Era uma cilada ignobil. Quincas deteve-se. Sem embargo, affrontava.

— D'aqui, só depois que eu for feito em pedaços!

— Mas era tudo inutil. Para seis armas de fogo carregadas, ameaçadoras, havia três homens de mãos abanando. A lingua de Manuel Maria fechava-se-lhe na bocca, apertada de raiva, impotente. Luiz Preto discursou:

— Capitão, não se zangue, que é peor. Sua filha não é a primeira, nem será a derradeira, moça que eu roubo; o sr. sabe disso. Capitão não dizia que Luiz Preto não se assentava na sua mesa, com a sua familia? Pois Luiz Preto vae levar, na garupa do cavallo, a filha do capitão.

Mais alto!

— Capitão! Matos têm olhos, paredes têm ouvidos! Olhe, a moça vae conmigo; eu trago ella depois. Eu quero só tirar a gôga do capitão Manuel Maria, das Aguas Bellas. Está ouvindo, capitão?

Olhou para Therezinha:

— Ella até parece que já está me querendo bem... hein moça? Você quer ir passar umas duas semanas nos matos conmigo? Responda. Responda sem sobrojo. Diga.

E mimalheiro:

— Não vae para o matto, não, minha princeza; é cegorda. Eu vou leva-la para a casa de uma gente fina como a senhora. Esteja descansada...

Therezinha chorava. As palavras do roivo ressoavam-lhe aos ouvidos:

— Eu só saio daqui depois de feito em pedaços.

Reconheceu no que dissera um appello aos três homens; arrependeu-se. Não, não consentia que se sacrificassem, assim, por ella. A vida, se vivesse, sem o paé, sem o noivo, sem o irmão, de que lhe havia de servir? D. Josepha soluçou:

— Senhor, o que o sr. está dizendo não ha de ser senão uma brincadeira. Pois o sr. quer mesmo levar daqui consigo, a noiva do meu filho?

— Quero, senhora dona.

— Mas que mal nós lhe fizemos?

- Podia ser. Que era?
- Eu tenho pejo de dizer, senhora dona...
- Prudentemente, d. Joseph se calou. Com um riso lúctoso na cara marcada dos dentes alvos, elle restou com a senhora alguns instantes sem falar. E, depois, como visse o silencio prolongar-se, sempre a rir:
- Senhora dona queria saber o que era?
- O sr. diga.
- Pois vae ouvir, senhora dona. De tudo o que a senhora dona tem na casa, eu só ficava contente com uma coisa. Anciosos, Therezinha, os dois rapazes, Manuel Maria, todos esperaram. Elle disse, por fim:
- Era com a noiva...

V

Luiz Peto fóra escravo de uma viúva rica, fazendeira, e arremettera o escravidão vendendo, sem orden, um cavalle da fazenda. A mulher reprehendia-o: elle fugiu de casa. E pegou a fugir, trahido pelo, admoest, até cabras e carneiros. Para se defender do escravo fugido, a viúva metteu homens armados na fazenda. Luiz por fóra, atirando outros tantos, que tiram os cinco cabras inda hoje com elle sem poder resistir-lhes, a fazendeira foi indo roubada aos poucos, vindo os seus bens se sumirem, empobrecendo, e terminou quasi de esmolas. Havendo-a posto n'esse estado, Luiz Preto desertou a fazenda e fez-se saltador de estradas. Mas os assaltos enfastiaram-no. Deu para invadir fazendas. Depois, começou a tomar moças solteiras ás familias. Os fazendeiros que o recebiam em casa, protegendo-o, lisongeando-o, preavinham-se contra a ultima exigencia, contra a perda das filhas nos seus braços infamantes. Manuel Maria percebeu o motivo da fúria do bandido a sua casa, manhã cado. O casamento de Therezinha reunia duas fortunas aparentadas debaixo de um telhado, dava assumpto ao serião. Luiz Preto vingava-se. Ouviu aquella ousadia, o pat pulou da cadeira:

— Desvejonhado! Ponha-se daqui!

O indolente, em risite, indicava a porta da sala:

— Porqu! Puxe!

— Sem aereos se abalar, Luiz Preto fitou-o, cynico.

— Porqu! Ponha-se por aquella porta fóra! Puche!

Sua mi' sexagenaria tremia na claridade. Os cabras olhavam prevenis pra elle e para o chefe. Os rapazes continham-se. Therezinha ás suas mães, estupefactas, não sabiam o que fazer.

baraúñas erguidas em face do alpendre, á sombra das quaes moços captivos desarreavam os cavallos. Caio, pintura e o mais que enfeitava a Casa Grande, fizeram-se por duas razões: porque os noivos ficariam morando nella e porque o casamento de Quincas Cruz, como fóra do casamento de Joaquim Cruz, se ia celebrar na capella da fazenda. D. Joseph propuzera, e o «primo» acquiescera...

Esperava-se o vigário, esperava-se a parentella, esperavam-se os amigos. O casamento seria de tarde. Eram apenas nove horas, e só a familia da noiva se achava com d. Joseph na fazenda. Por attenção e por ternura para com a «prima», nas vésperas da bôda, Manuel Maria determinara em casa, dando aviso aos de fóra, que, no dia, no amanhecer, estariam demandando Pedra Branca. «Deve-se ir fazer um pouco de companhia a «prima Joseph» — dizia á mulher e á filha —, ajudal-a também um bocadinho, estar lá pra receber as pensões de fóra». Therezinha enxergou na sua ida anticipada uma anticipação do casamento. Era bom, porquente, assim, estaria algum tempo com o noivo antes de virem os estranhos. Esse encontro com Quincas lhe daria, a ella, enveja para que, para a sua primeira entrevista de amor, em um amor que tinha a idade dos seus serios, pois via-a com elles... Seu noivado fóra sempre um noivado assistido. Namorada, estava ainda com Quincas, em companhia de outras moças, o que era achar-se com elle meio a sós, á sabida da massa, em algum baptizado, no rebulico da noite de Natal. Não, não; o pudor sertanejo, a consideração de Quincas, que o amor tornára tímido, a rigidez dos preconceitos, tudo isto, combinado, nem as ingenuas escapulas de outróra lhe permitia mais. Aos domingos, Quincas ia visital-a, jantava nas Aguas Bellas, apertava-lhe a mão, mas a conversa era de Manuel Maria e de d. Mariana. A' tardinha, quando os noivos da cidade iniciavam lá fóra, os seus colloquios, Quincas Cruz via vir um escravo com o cavallo pelo cabresto e despedia-se da noiva, para, em casa, ter saudades daquillo que não fizera ou não dissera. Seus encontros com Therezinha, não sendo presenteados por d. Mariana ou por Manuel Maria, eram pelo irmão della, Germino, até alli solteiro. Quincas partia da fazenda devagar, aborrecido, insaciado, como se não houvesse visto a noiva. Noticias da mãe, noticias do gado, do trabalho, contra outras noticias semelhantes, da bocca do sogro, da de d. Mariana ou de Germino, estando a noiva a dois passos, isso o malava na sala das Aguas Bellas, e elles sentiam um grande appetite de se dizerem, sozinhos, nem que fosse aquellas mesmas trivialidades, pois que, dias de um para o outro, exprimiam outra coisa e soariam pereladas das promessas e das juras dos que noivam prohibidos. Em vendo o noivo partir, Therezinha cahia em um aborrecimento tão fundo quanto o delle, e Quincas descia no al-

pendre da Pedra Branca, como se não tivesse jantado, com a noiva, e houvesse só atravessado a frente da casa della. Ouvindo os motivos com que o pae justificava a ida de todos assim tão cedo, Therezinha evocou rapidamente estas insustentáveis do seu noivado, e respondeu antegosando os momentos que teria de passar junto do noivo, sem ser importunada. Ella era meiga, porém era decidida. Tinha um dia por si, aproveitava-o.

— Pois é nós irmos á hora em que papae achar melhor. Manuel Maria adorava aquella filha. Em ella estando de accordo, o mundo girava bem...

— Coitada (era d. Joseph!) ha-de saber haver-se perfeitamente nos seus arranjos, que aquillo é uma mulher homem. Mas é o nosso dever.

— Pois, então! O nosso dever é esse, papae, vamos logo demanhãzinha...

Muito cedo, quando havia ainda um resto de noite na redondeza da fazenda, e a luz era mais das estrellas e da lua que do sol, Manuel Maria com a mulher e os dois filhos montavam a cavallo e seguiam para a Pedra Branca. O enxoval de Therezinha fora com antecedencia remetido, em duas malas de pregaria atochadas de linhos, de rendas, de sêdas, de roupas caselras, de lençõs e de reliquias de familia... Embora, por deferencia, houvesse mandado Manuel Maria as chaves das malas pelo escravo de confiança, que as conduziria numa carga, d. Joseph não quizera boir nos objectos da nota. Quincas, em homenagem á noiva, mandara entrar as malas pela sala de visitas; e a mãe aconselhou:

— Meu filho, porque não bota estas malas já no quarto de vocês? *Ella*, amanhã, logo que chegue, vae carcer de abrilas; antes estejam no logar em que têm de ficar.

Musculosos escravos transportaram nos braços, para a alcova, as malas da noiva. E Quincas Cruz, que dormia numa rede ante a cama já feita por d. Joseph, para o receber com Therezinha, no outro dia, passou horas da longa noite, de luz accêsa, com os olhos nas brochas, nos angulos luzentes dos dois cofres mysteriosos...

11

Carregado de rões e indicações, que d. Joseph dictou, Quincas fôra á capital, apromptar-se, fazer compras para elle, para ella, para a casa, para a noiva. Tinha-se morto uma rez, malara-se um cevado, dois carretos, galinhas e perús gordos.

— E o sr.?

— Agora não, senhora dona. Póde ser que depois...

A familia acreditou que, «para se mostrar», era que o chefe não quera comer na mesma mesa com os seus comandados. Elle, effectivamente, procedia desta sorte, quando parava nas fazendas; ás vezes deixava, mesmo, os cabras fôra da propriedade. Era um fingimento de attenção para com os poderosos que explorava e amedrontava — um luxo do cangaco. Porque, de costume, comiam todos no chão, dentro do matto, promiscuamente.

Abancados os cabras, d. Joseph entregou-os a uma escrava e veiu ler á sala; fez isso mais para que não se acanhassem com a sua presença do que para escutar as lorrôas do chefe. Entre as duas humilhações — sentar os cabras na sua mesa e fazer sala a Luiz Preto — não sabia escolher sem achar uma ou outra peor. Quando os homens acabaram, procurando evitarem que o bandido houvesse de se sentar á mesa no alroço da familia, e também para agradalo, inquiriu cheia de bondade:

— É possível que o sr. não quera servir-se de nada?

Luiz Preto intercalou no episodio que vinha narrando:

— Depois, senhora dona, depois...

Mas, reconsiderando:

— Senhora dona tem vinho na casa?

— Tem; num dia como o de hoje, não havia de ter vinho em nossa casa?

Olhou fundo o corredor:

— Generosa! Generosa!

A escrava entrou na sala:

— Olha; traze um copo de vinho aqui para este sr.

Veiu o vinho, numa salva de prata. Luiz Preto bebeu devagarinho, com estalidos de saboreação voluptuosa.

— É' do fim.

E d. Joseph a insistir:

— Porque o sr. não se serve de alguma coisa? Nós, ah, temos de um tudo. Um bôlo... Um pedaço de porco... um pouco de peru...

— Nada disso, por agora, senhora dona...

— Um dôce...

Elle pendeu para o peito a cabeçorra, parecendo envolver-

nhado: — Senhora dona, disse tudo, que a senhora tem aqui, eu só queria uma coisa. Mas, senhora dona não me dá...

D. Joseph relanceou os olhos, inquieta pelos moveis, pelos da sala: os castiçais... o par de jarros... a caixa de musica... o tapete... Dar-lhe-ia qualquer destes objectos, contando que se vissem livres d'elle.

— Quem sabe?

— Qual? Senhora dona não dava, não. Dava o que!

— Os srs. hão de ter andado muito já hoje. Entrem, venham comêr alguma coisa.

— Os cabras consultaram o chefe com olhos de appetite. Luiz Preto perguntou:

— Vocês estão com voniade?

Respondeu pelos mais um mulatão de cabelo cacheado cahindo em roscas por baixo do chapéo de couro:

— Querer, nós queremos.

Luiz Preto satisfez a d. Josephia:

— Elles querem, senhora dona.

E guiando os companheiros, entrou na sala, onde os noivos se voltavam para dentro.

— Mas, que moça bonita, sr. capitão! exclamou deiron-tando Therezinha.

Manuel Maria conteve uma onda de raiva.

Moça, você gosta assim tanto do sr. Quincas Cruz?

Tanto gosto, que vou me casar com elle.

Lá longe é? e a sr. seu Quincas, gosta d'ella do mesmo

gosto?

Queto.

Pela deise que lhe diga: saber escolher, sabe.

E para Manuel Maria, para d. Mariana

bebera uma, sua filha, beza a Deus, não tem que ver uma imagem.

Therezinha accellou o elogio para offertalo a Quincas; baixou a mimosa cabeça e sorriu-se.

O habito de palestra com familia dos fazendeiros que lhe davam guarda, tentava de embraço Luiz Preto, dirigindo-se áquella gente. No meio dos companheiros, que, com agua na bocca, estravam os olhos para o longo corredor por onde entrara d. Josephia, indagou da vida de todos, plihierou com Therezinha, alhou dihotos a Quincas, deu noticias de outros moços, de outras moças, de outros noivos, de outras donas de casa. Pesar da sua antipathica voz de flauta fazia quasi esquecer que era um bandido dos peores. O proprio Manuel Maria abrandou a asperesa com que o estivera ouvindo. Luiz Preto conhecia particularidades de outras casas. Um pouco dessas particularidades orienta os fazendeiros para negocios e juizos, pelo menos os disirite. Posto que Manuel Maria não indagava da existencia de ninguém, comprazia-se escutando os mexericos do facinora. Cazua, do Olho d'agua, mandara pedir por elle emprestados, dois contos de réis ao major Pinho, dos Poções. Neco, da Gruta, estava «torriando» e «caçando» comprador para as terras. Zé Leandro, da Estacada, andava-se vendo doido com os credores da capital... D. Josephia resurgiu:

— Façam o favor de entrar.

Entraram, sós, os cabras.

Engarrafado, jazia, na dispensa, um quinto de vinho Figueira, que viera com as encomendas de loiças, comestiveis séccos, doces de lata, temperos especiaes, pelrechos de cosinha, e luxos de alcôva, arumações de sala, roupas, coiticas, peças de madapolão fino, bretanhas, lins delicadas, não contando o coradinado, mimos, particularidades femininas, escolhidas nas lojas por uma nora do velho negociante, que supria a familia desde quando o capitão era solteiro.

Dando com todo esse preparo, Manuel Maria exclamou, admirado, para d. Josephia:

— Prima, a senhora trabalhou aqui como cinco donas de casa reunidas.

Com a beatitude dos que se reconhecem diligentes e que, contuido, se acanham quando alguém lh'o descobre, d. Josephia sorriu-se:

— Qual, primo Manuel Maria! O que se fez não vale nada. As escravas do serviço estão acostumadas commigo; basta ordenar...

Manuel Maria confirmava-se a si proprio, que ella era a mulher homem, que elle em casa proclamava. Apesar das cantidras que tudo lhe custava, d. Josephia apparentava contenta, e estava mesmo contente do que havia realizado e do que ia realizar — o inicio da perpetuação da sua casa no enlase do filho com a parenta. Seguida de Manuel Maria, de d. Mariana, de Chercino, de Therezinha, do filho, mostrou o quarto da noiva, foi á sala de jantar, á porta da cosinha, onde as negras, em azafamas, suavam, correu a casa toda; inda ao cantar os gabos do pte e da mãe da moça, deixando os noivos para taz, caminhou até a capella, que ficava á esquerda, contigua á noradia. Distanciada, Therezinha encurtou ainda mais o andar, esuspirava ao se ver isolada com o noivo. Ella amava Quincas Cruz com a paciencia das noivas seriantejas, que supportam um noivado como o seu — sem expansões, sem liberdade, noivado em que o coração palpita prisioneiro da presença dos paes; nas amava-o com uma exclusividade que a fazia fugir de casa, e elles lhe contratassem o casamento... Pararam na sala de visita a uma janella; e nessa primeira estada com Quincas, Therezinha sentia o antegosto da sua instalação na Pedra Branca.

— Onde foi que você botou as malas?

— No nosso quarto.

— Ah! Foi bom: quando eu fôr me vestir...

Não teve com que ligar o acto de se vestir para casar, ao facto de estarem as suas malas já guardadas na alcova... Tornava a uma alegria irracionada de creança em começo de festa, então sabia o que dizer. Tontecado como ella, Quincas Cruz es-cipou:

— Esta noite, Therezinha, eu quasi não dormi.

quinto
loças,
pelrecho
roupas
picadas,
mininas,
p que sup

o, Manu
aqui co

reconhec
quém lh'

O que
humadas

la si pro
proclama

Josephia ap
o que
suação

al de Manu
o filho,
da da co

a casa l
ja, deixa

scava á e
acurtiu

o noivo,
si seriantej
expansões,

gineiro da
e que a

ento...
a estada
instalação

as malas
or me v

de se v
guardada

creança e
como eli

quasi não

- Você?
- Foi.
- Porque?
- Matulava em tanta coisa...

Theezinha confessou:

— Também eu. Papae marcou para o quebrar da barra a nossa vinda: eu acordei, creio que quando os gallos tinham principiado a cantar, nem sei: e não pude mais dormir. Assim acordada, de noite a gente pensa mesmo em muita coisa...

Na sua insomnia de noiva, ella fizera, pela centesima vez, seus planos para a existencia de casada. Nos intervallos, sonhava, mais, com o movimento do grande dia no casamento da fazenda. Concebia a chegada do vigário, a sala cheia de convidados, ella a entrar para o quarto da sogra, vestindo-se, pondo a grinalda e o véo e a mãe ajudando-a, e as parentas, as amigas solteiras rodando-a... Via-se vir para a sala, já vestida, com o acompanhamento e a vozeta das mulheres; via Quincas acompanhando-a com os olhos, enquanto os mais suspendiam as conversas e se voltavam ternamente para ella. Assim acordada, de noite, a gente pensa mesmo em muita coisa... Apresentando-se na sala, as lisonjas desatavam-se: «Theezinha, como você está bonita». «Theezinha, você está, que parece uma princeza...». O pae pedia-lhe o braço; o noivo dava o dote a d. Josephina; os outros, cavalheiros e damas, aos pares, braço dado também, seguiam atraz della, marchando até ao altar, no breve cortejo nupcial, depois, após o casamento, formavam de novo, agora a multidão com seu marido, em vez da noiva com papae... Assim acordada, de noite... Estava na casa onde havia de viver até os cabellos brancos, se Deus desse vida aos dois... A festa, quantos ditos alegres! Quanta historia contada pelos velhos! Que lindas lbas, que lindas decimas recitavam os rapazes uns aos outros, no vão das janelas, no fim do apêndice! E o jantar... e as saúdes... e as graças de tio Aleixo, depois de ter bebido vinho... Um quadro, porém, embaraçava Theezinha na visão da sua bôda — era a despedida dos seus. Chorava? Ora chorava. Qual é a noiva que não chora quando abraça pae e mãe na hora da despedida? Ella, porém, tanta tufo por não chorar deante de d. Josephina. D. Josephina, tão bôa... Se tem saudades, minha filha, eu não a obrigo... Meu gosto seria... Agora se tem pena de deixar seu pae e sua mãe... Faria tuio por não chorar. Assim acordada, de noite...

Passado um mez — Quincas propoz: — Pôde-se dar um passeio á capital.

— Tão longe assim, Quincas?

— Longe? Longe, olha-se daqui do sertão. Quando você estiver lá não acha nem longe, nem perto... Ha inverno; sãe-se daqui com um tempo mais fresco; os cargueiros são bons, os

- Esta.
- Ah! Agora, eu sei. E esse mocinho?
- É meu filho.
- E aquelle casarinho?

Respondou d. Mariana:

— A moça é nossa filha.

— O moço é o meu filho.

— São os que vão se casar hoje?

Manuel Maria:

— São.

— A moça é bonita, e o noivo até é bem apessoado.

Manuel Maria fechou a cara. Dos fazendeiros do alto sertão, elle era um dos que nunca tinham dado confiança a Luiz Preto, e censurava, abertamente, aquelles que, por medo ou por interesse, o homiziavam. Corria: «Luiz Preto estava domingo na fazenda de Fulano»; «Luiz Preto dormiu ante-hontem, com o bando, em casa de Sicrano»; «Luiz Preto jantou a semana passada na mesa de Beltrano, com a familia». Liberdades. Manuel Maria não assosalhava, mas não occultava: «Na minha mesa é que esse biltre não se assenta. Se chegar a bater na minha porta, não o boto para fóra; eu sei que nesta terra não se pôde ser inimigo de cangaceiro, porém na minha mesa não pôe o rabo. Com minha mulher e meus filhos... não! Quer dinheiro tome lá; mas ponha-se ao fresco». Luiz Preto olhou para elle, com um arco de dentes claros e brilhantes espelhando entre os beiços de carvão.

— Sr. capitão, saberá vossa senhoria que nós já estivemos hoje em casa de vossa senhoria.

— Na minha casa?

— E d. Mariana:

— Lá em casa?

— Foi, senhora dona. Disseram que vossas senhorias tinham sahido demadugadinha...

Comquanto scandalizado, Manuel Maria confirmou:

— Foi isso mesmo.

Luiz Preto:

— Eu disse aqui p'ra os rapazes: «O capitão mode que advinhou...». Porque eu já fazer uma visitassinha a vossa senhoria, sr. capitão.

Manuel Maria e d. Mariana preveniram-se: «Ainda atraz de nós para pedir alguma coisa». Havia de ser dinheiro, quantia maior, emprestado, para nunca pagar: era assim que fazia. Pois se lh'o dava. Nada, porém, perguntaram sobre o objecto da visita. Que pedisse! Pedisse por bôca! D. Josephina, por habito de não adiar obrigação ouvia pensando na cosinha; conciliou a necessidade de ir até lá com uma largueza de hospitalidade:

IV

Além do curral, no braço de caminho que unia o pátio á estrada, surgiu por entre os marmelleiros um troço de homens a cavallo. Vinham em mangas de camisa, peitoril de sola, chapéu de couro; só um delles, um negro grosso, atarracado, trajava palitô — palitô de algodão cru.

— Que gente é uma? — indagou no silencio da calçada sorpresa, d. Mariana.

Gercino notou que vinham de alpercatas e traziam cartucheira, por baixo do peitoril.

— Quer ver que são cangaceiros? — suspirou Manuel Maria.

D. Josepha, espantando-se, exclamou:

— Cangaceiros?!

— Ora, se são.

Eles chegavam ás bocaninas. Gercino disse:

— Aquelle é Luiz Preto, meu pai.

— Luiz Preto?!

— É — Gercino tinha-o visto em uma feira — E', ah! é o bando do Luiz Preto.

— Mas a cavallo?!

— Porque não? Tomenam por ahí.

O bando estava a uns quatro covados da calçada. Manuel Maria inda riu, de si comigo: «Atrevimento!». Porém Luiz Preto, attentamente, se descobria:

— Bons dias, sr. capitão Manuel Maria. Bons dias, senhoras. Bons dias, moço.

E pendeu a cabeça, alisado, para a janella. Sua voz era aflautada e antipathica, seu nome, antedrontador. Todavia, a jovialidade das saudações tranquillizou as senhoras, diga-se também, os homens. Manuel Maria, que não correspondera ao cumprimento, chamou, obsequioso, apesar de grave:

— Aproximem-se.

Luiz Preto desmontava. Os outros (eram cinco) desmontaram com elle. E o chefe do bando, roçando as alpercatas na calçada, deu a mão ao fazendeiro, ás senhoras, a Gercino.

— O sr. capitão Manuel Maria me conhece?

— Conheço de nome.

O negro fez ar de riso:

— Ah! Quem é que não conhece Luiz Preto neste sertão?

Apontou para as duas senhoras:

— E essas duas donas?

— Uma é minha mulher, a outra é a viúva do finado Joaquim Cruz.

— E qual dellas é a caseira de vossa senhoria sr. capitão?

animaes, inda melhores; dorme-se uma noite na fazenda de Yôyô Pires, outra na casa da tia Anninhas; outra em Campina. No fim de uma semana... Basta andar umas dez ou doze leguas todo dia...

— É' muito longe, Quincas. Setenta leguas sentada num silhão, debaixo do sol!

— Não se caminha com sol; caminha-se um pouco de manhã, outro pouco de tarde; á noite, descansa-se. Se você não quizer fazer a viagem toda de silhão, vá de liteira.

Gracejou:

— Ou... de réde.

— Tibes! De réde, não.

Mas desmanchando o riso lentamente:

— Como foi que você se lembrou disso, Quincas?

Porque, nas suas idéações de rapariga e de noiva um dia, essa mesma viagem lhe passara na cabeça.

— A lembrança não foi minha — Quincas Cruz explicou — foi da nora do velho Antonio Gomes. «Sr. Cruz, o sr. case e traga sua noiva á capital! Traga-a, que eu tomo conta della. O sr. não terá que incommodar-se muito, não. Eu lhe hei de mostrar tudo». Moça da praça, mas tão dada... E com marido deutor.

Ir ver a capital, estar um mez na capital, percorrer a capital na companhia de uma moça lá nascida e lá criada...

III

Chegando á porta da capella, d. Josepha interrompeu-se, foi direito ao altar e ajoelhou. Nessa Senhora das Mercês, padroeira da Pedra Branca, contemplava-a do seu nicho, entre brancuras e dourados. Manuel Maria, vendo-a genuflectir, ajoelhou logo, também, com a mulher e o filho. A luz morna e serena enchia o corpo da egrejinha. Uma brisa, que elles apenas percebiam, esparzia pela nave o cheiro das rosas frescas collocadas no altar por Therezinha. Do tórro encardido dos retabulos brilhantes, das paredes cõr de pasta de algodão, descia sobre as quatro criaturas uma paz que se diria a paz do céu, se as andorinhas não grazinhassem na sinetral! Mas o chileiro dellas não impedia a oração das duas mães, daquelle pae e de Gercino, de ser um recolhimento das quatro almas devotas com a santa magnanima. Elles, que, de ordinario, resavam mais por si do que por outrem, hoje imploravam á Senhora das Mercês em favor dos dois que se iam ligar, dali a pouco, para a vida e para a morte. Enquanto Quincas e Therezinha assentavam o

seu projecto de viagem á Capital, os outros, cá, pediam por seus sonhos e desejos. Terminadas as rezas e o offerecimento, d. Joseph e d. Mariana continuaram de joelhos, de mãos postas, olhos nos olhos da imagem. Os dois homens oravam, porém ellas, firmando a Senhora das Mercês, imploravam-lhe protecção para a filha, para o filho: «Mãe do Céu, protegei a minha filha». «Mãe do Céu, ampara o meu filho». «Senhora, Vós sois Mãe. Vós trouxestes, nove mezes, o Vosso bento Jesus em Vosso ventre seio, como eu trouxe o meu filho, a minha filha na minha entranha; o Vosso era o espirito da Divindade, o meu, a minha, fructo de amor, mas filho, filha como Jesus, ao nascer e ao morrer, no Vosso tenro coração. O Mãe de Deus, sêde misericordiosa, lançai sobre minha filha, lançai sobre meu filho a Vossa benignidade; fazei-a feliz, fazei-o feliz. Mãe dos homens, Mãe de Deus, ã Mãe dulcíssima».

Quando d. Joseph se levantou, a sua face envelhecida irradiava bem estar. Ella se erguera possuida da fortuna que implorava para o filho. Assim d. Mariana. Voltaram á entrada do templo. Os noivos continuavam no seu enlevo. Deixaram-os sózinhos. Na calçada da igreja, dandolhes as costas, de propósito, para que lagarelhassem a vontade, foi entretanto, d'elles, só d'elles que d. Joseph e d. Mariana, enternecidas, falavam. D. Joseph prognosticou:

— Depois de casados a vida ha-de mudar: vêm os tribalhos, vêm os filhos, priva, a senhora que diga.

— E' mesmo.

— Então! Estes instantes são os melhores do mundo.

— De certo. Feliz quem os pôde gozar com a protecção do Senhor.

E d. Joseph para a mãe de Therezinha, que ella via olhar o espaço:

— Por mim, elle só não será feliz se Deus mesmo não quizer. Não digo que vá se envolver no labiro da cozinha, com as escravas; mas, de hoje por diante, ella ha-de ser a dona desta casa; d'agora em diante, ella é quem ha de mandar aqui, em tudo, por tudo.

Rememoram a infancia e a adolescencia dos dois, falando ora uma, ora outra — num dialogo, que era como um desafio, por Therezinha, de meiguices, por Quincas, de diaburrias ardilosas. Therezinha nunca fôra de paleos, mas nunca fôra de empalhas. Trabalhadeira, despachada, quem era mais do que ella amante dos seus mais do que ella amante a Deus? Meninota, já ajudava a mãe ao serviço da casa, e já a acompanhava no serviço do Senhor. Era ella quem cuidava do santuario; endretava as imagens, espanava a toalha, punha as flores no jarro, lava as mezinhas. Quando ia se pondo mochinha encheu a cerca do curral de panelas de cravinas e craveiros. Tendo as negras,

ella mesma aguçava as flores de jardim, uma por uma. Na hora do lero, o santuario cheirava como um jardim.

O outro, em menino, aquillo, só o capeta. Voava em cima dos arminhas, agarrava-se na cintura dos vaqueiros e era um Deus nos acuda. «Meu filho, para onde você vai?» — «Vou ali, mamãe, já volto já.» «Você, por onde andou, Quincas?» — «Ora! pegando gado com o vaqueiro, mamãe.» Diziam: «E' filho criado sem pae, Sim, foi criado sem pae, mas, está ahí, é um homem como o pae — ladino, gélido para negocio, ajudador que só elle. Mas, menino, prima, Quincas dêra que fazer. Aprendera a andar no campo. Volta e meia lá estava elle escanchado num cavallo em osso — peretê! peretê! peretê! — por aquelles mundos. Mal o buço lhe apontou, deu para amansar, com o filho do vaqueiro, polidos brabos. «Quincas, nem toda dia é dia santo; um dia tu entras em casa de costellas quebradas». «Qual o que, mamãe!» O mestre vinha. «Que é da lição, Quincas?» Pois o não sei que diga não tinha decorado a lição? Aquelle menino cegava a gente. Caga. Limpou a espingarda do pae; malto, p'ra que te quero? Voltava p'ra casa á boquinha da noite, queimado, a testa escorrendo, hoje com uma enfiada de rabaças, amanhã com um jacó. De momento, mudou, e haja trabalhar, haja ajuntar. «Quando olho para elle, só me lembro do pae...»

Depois de curta pausa:

— Bom — diz d. Joseph, — vou dar uma vista de olhos naquillo, lá por dentro — E virando-se para a janella, num ralho amavel, risosinha:

— O, sr.!, já conversaram bastante! Deixem o resto p'ra depois!

D. Mariana, arretravel e risosinha como ella, accrescentou:

— Dá vontade de chegar lá com um reho crú; já, cuidar da cozinha! Já, soltar as vacas!

Os quatro nam. Com d. Joseph, por guia, foram entrando. Mas o moço ouviu, á distancia, um tropel de arminhas; ouviu-o Manuel Maria; ouviram as duas senhoras, e até os noivos, que se voltaram para a estrada. D. Joseph perguntou vagamente:

— Será p'ra cá?

Manuel Maria, estacando, escutou. Depois:

— Está parecendo.

— Assim tão cédo? — reparou d. Mariana.

D. Joseph conjecturou:

— Quem sabe se não é o João Marcos, da Lagôa, com as meninas?

Estavam parados na calçada, aguardando. Therezinha perguntou da janella:

— Mamãe, quem será?

— Alguém ha de ser, minha filha.

JOSE LINS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

O coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque vinha d'uma nobre família rural de Pernambuco. O seu avô viera deste Estado para a varzea da Parahyba, onde irradiou uma grande prole.

Typo de senhor de engenho, no que este tem de mais forte e sympathico, o coronel José Lins se fez o maior proprietario rural da Parahyba.

Tinha este homem simples uma verdadeira ternura pela terra que plantava. Amava-a a todo transe; nunca vendeu, das que governou com muita brandura, um só pedaço. Era dos que



nós, no Brasil, muito necessitamos. Dos apaixonados da gleba, vivem, por toda a parte os nossos publicistas a gritar que depende o nosso predomínio da America. Já até creou cara de logar commum a repetição de que somos um paiz «essencialmente agricola». Este homem morto ha um mez, foi um dos verdadeiros e mais dignos senhores ruraes. Character firme, ingenuidade, despreendimento, moral de familia, respeito á auctoridade, tudo elle cultivou com o mesmo rythmo que plantava a canna. Deixou grande numero de netos e bisnetos. Morreu com 89 annos.

reos, transformadas em desillusões. Por mero espirito de philantropia envidei providencias para ser d'ora avante o animal mais bem tratado. No entanto, ou porque eu estivesse sempre na escola e ás v.zes occupada em negócios na cidade, não podendo fiscalisar os trabalhos, ou porque fosse geral o enfraquecimento do meu amigo, o tratamento não surtiu effeito.

Um bello dia, porém, surgiu no meu quintal, como surgem os cogumelos, um caboclo robusto e idoso, que se estimava de sahio veterinario a custa de reclamationes que muito valeriam se fosse não elle, mas um outro o propagandista. Emfim, a receita não era cara. Procedeu a inspecção de dez animaes, fazendo as applicações necessarias. Ao seu ver o cavallo engordaria tanto que eu ficaria surprehendida. De tal sorte affirmava que experimentei calafrios ao me lembrar da historia que ouvira do sr. Jacarandá, ou antes do seu cavallo que até estoirou de gôrdo. Máo grado a prophécia optimista, Almofadinha não melhorou de carnes.

Vieram os dias chuvosos. Elle, coitado, que não desconhecia a lei do forte contra o fraco, medroso, guardava distancia dos seus parentes mais felizes; enquanto aquelles se refestelavam sob a protecção do telheiro, ficava o po-

bre ao relento, soffendo a angia malefica da chuva impiedosa. E como as noites invernosas se succedessem, Almofadinha voltou á gymnastica das quindas.

Uma vez, por se ter deitado a noite inteira, sem ventagem, permanencia estrado, immovel, as crinas enlameadas. Não ia o sol. Quando a muito custo conseguiu equilibrar-se independente de auxilio, mandei deixá-lo na da convivencia dos outros racionais. Que vagabundagem! Li em cima, dentro da planta de capim verde pelada e esverdeada. Talvez ainda não fosse a sua dia e assim, comendo á vontade, conseguisse se fortalecer.

Fui para a escola. De regresso pensava com detalhes nas providencias que deveria tomar para o enterro do meu cavallo, quando me vem ao encontro um pequeno, alumno de um Grupo, e meu parente. Camillelino, ao ver o animal que desistira aparava o capim, desceja saber a causa da magreza de Almofadinha, que já coexistia em melhores carnes.

Você não sabe? esse garruim que come o dinheiro dos patrões a brincar, sem nem nem tristezas! Fui á praça e a minha ausencia botaram o cavallo a jejuar...

—Elle ainda pôde ficar bom; se tiver trato... Se eu tivesse dinheiro...

—Não sou muito pela vida deste animal; hoje estava cabido, morto; mas não me longe...

Qual? Se me fosse possível o comprar, mais caro de bolso não!

—Não ha duvida, rapaz; se o cavallo ficar bom, você me paga vinte mil réis; se elle morrer ficará por sua conta as despesas do enterro. Valem?

Parei de allegria, sou o meu parente a commostrar o vantajoso negocio a um seu primo, irmão em ventagem.

Que alviva experimentei! Sorri intimamente a pensar no actus benficio que me livraria das humilhações de arranjos postumos.

Alguns minutos, voltam os dois com a carta que annuenciava ao proprio do animal. Chegaram os meus complices.

—Oh! Zé, que peido bonito se comprou!

—Não gastei muito dinheiro!

—Certo, mas não foi de vender esse por 150000. Você não de ver!

E a condicão do animal esquivado.

—Mas, Zé, assim não melhor.

—Não, irmão, com medo de ser o cavallo por terra. Bem me lembrava do trabalho que tive na pela morta. —Vae puxando, Zé!

—Mas vi o meu pobre amigo sair pela porteira, tristemente, amarelado... o esqueleto e o osso! Elle que tantas vezes saia

garboso, arrastando o curro elegantemente! E eu nem chorava! Pensei! «Tudo passa...» O Almofadinha, que já teve uma estirada a guiza de chronica, na mais bella revista que se editou na Parahyba, vae morrer por ahi ignorado! O mundo é mesmo assim, elle devia prever que aquelles elogios eram o prenuncio da sua desgraça.

Sempre ouvi dizer: «O dia do rio é a vespera do choro».

Maiores glorias teve o descobridor da America e acabou miseravelmente! E o grande Napoleão?

Era melhor eu vê-lo sair esqueleto, porém vivo, do que morto, arrastado por troncos e barrancos, os olhos vedados, cobertos de nevas e os urubús em mobilisação, se preparando para o banquete. E, quem sabe? talvez ainda recebesse os meus vinte mil réis.

Três dias depois, encontrei o meu primo.

—Então, como vae o Almofadinha?

—Os urubús decerto já lhe limpam os ossos.

O que! morreu?

—Alada gastel 4500 em vi-

são.

—Como?

—Em pagamento a uns homens para levantá-lo. Apenas chegou, deitou-se; quando se conseguiu levantá-lo, a custo de muito esforço, cahiu novamente. Faltavam-lhe as energias. Deixei-o. No dia seguinte estava morto.

Eu disse um tanto penalizada: pobre Almofadinha! «Tudo passa sobre a terra».

Eudésia Vieira

CIDADE
D O S
J A R D I N S

O vendedor de jornaes foi sempre um tipo interessante. E em toda parte é sempre o mesmo, inconfundivel, unico. Pés descalços, bonet, rosto queimado pelo sol, cigarro nos labios, calças remendadas nos fundilhos, pilhérico, irreverente, alegre... philosophicamente alegre. Depressa, habitua-se ao frio, ao sol, á chuva. E' sempre joven. Quando envelhece, ou se sente envelhecer, substitue-se. Por isso não ha garotos velhos. Seria um paradoxo inconcebivel. O mais alto dever de um gazeteiro é ser como o jornal que vende, é transformar-se todos os dias, o que quer dizer conservar-se joven, zombar do tempo. Por isso a sua vida é o reflexo vivo do jornal. Identificam-se. Ambos são uma e a mesma coisa. As páginas do jornal mudam de tipo, de assumpto. A alma do gazeteiro muda de emoções, com certeza. Renovam-se. E é assim que se tornam adversarios inconscientes da monotonia que é a velhice das almas e das coisas. No pregão dos garotos ha um sabor de mocidade victoriosa, de alegria que é sempre a mesma porque é sempre nova...

Uma cidade sem jornaes, sem gazeteiros, é como um collegio sem creanças, é uma cidade muda — um cadaver de cidade.

A voz dos vendedores de jornaes empresta uma sensação de saúde, de movimento, de ju-

ventude ao ambiente em que se faz ouvir. E' o sangue sonoro que circula pelas ruas... E as ruas são bem as veias da cidade...

Uma hora da manhã. As lampadas electricas arregalam, na penumbra, as suas pupillas de oiro. A silhueta de um guarda caminha lentamente, incertamente, pelas aleas desertas, parando de vez em quando. As arvores, tangidas pelo vento, gesticulam sob a tranquillidade do silencio.

Cirandam sobre o asphalto, em turbilhão, as folhas mortas. Correm, atropelam-se, des-

timo sopro de vida,—é a intelligencia que as protege.

E as folhas correm, correm, soluçando baixinho a sua dôr. Emtanto, ninguém entende o soffrimento, a angustia das folhas amarellas... Nem o proprio varredor, que é também uma folha sêcca, levada pelo Destino—vassoura inexoravel a cujo impulso as almas se arrastam sobre as agruras da Vida como as folhas sobre as pedras das calçadas!

.....

O varredor é velho. Os seus olhos parecem reflectir toda a tristeza dos seus cinquenta e tantos annos mal vividos

Apanha, com as suas mãos enççadas e tremulas, as folhas que juntou, á vassouradas...

Ao passar sob as arvores da Praça, o orvalho das frondes se desfaz em lágrimas sobre o carrinho de mão—coche fúnebre das folhas mortas.

Então, commovidamente, o velho varredor olha, no alto, as folhas verdes que choram no silencio. Pára. Olha, depois, as folhas amarellas... e fica triste. Tão triste que dir-se-ia vêr no destino das folhas o seu proprio destino...

□ □ □ □

A Gente Humilde Da Cidade

de Paulo DANIZIO

apparecem á sombra dos desvãos. Inutilmente procuram fugir ao inevitavel que as espera. E de que têm medo as folhas amarellas?... Têm medo do abafado rumor que se aproxima. Tatarátátátá... Taratátátátá. E' o carrinho de mão dos varredores,—coche fúnebre das folhas mortas. A vassoura é o destino inexoravel que as domina. O varredor é a entidade suprema que preside esse destino... Mas o vento empresta ás folhas sêccas um ul-



A Estrada

do Jaguaribe,

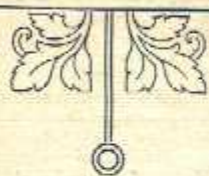
á hora do sol

e das lavadeiras.





JOÃO DA MATTA
CORREIA LIMA



No Album de Mlle. Anatice Caldas



pados ou preocupação de des-
preocupados.

*Que diz do homem singu-
lar?*

Que é, na melhor das hypothe-
ses, um individuo cômico.

Que pensa da sociedade?

Uma criação nova, que tem
amedronta e cobibe...

*Que diz da mulher meli-
drosa?*

Flôr de inutilidade, cômica no
lar e na vida pratica.

*Que qualidades preferes no ho-
mem?*

A altivez, a coragem, a infe-
xibilidade e a paixão.

*Que qualidades preferes na mu-
lher?*

A seriedade e o amor ao tra-
balho.

Qual deve ser o tipo masculino?

Fradique Mendes.

Qual deve ser o tipo feminino?

Cornélia.

Que pensa da religião?

Que é uma fraqueza de espí-
rito.

Que pensa do feminismo?

Uma aspiração de que talvez
haja de arrepender-se a mulher.

Que diz do casamento?

Um bilhete da loteria da fe-
licidade...

*O casamento deve ser a pri-
meira ou a ultima aspiração?*

O casamento sempre pôde

ser "aspiração" para a mulher.
E' fatalista?

Não; creio, porém, que no
mundo há uma justiça natural.

Existem verdadeiros amigos?

Eu, pelo menos, o sou de va-
rias pessoas.

*Quaes os seus escriptores pre-
feridos?*

Actualmente, D'Annunzio e Inge-
niero, Vieira, Ruy e Machado
de Assis.

*Quaes os poetas de sua pre-
ferencia?*

Jacquotte e Bilac.

Qual é seu sonho de felicidade?

Não o tenho.

*Conhece os conceitos o verda-
deiro amor?*

Todos os amores são verda-
deiros.

Costa de amar?

Exatamente tanto, quanto des-
amando.

Que são preferes?

O futuro: dá-me a vida de
liberdade.

Quaes os seus livros preferidos?

Os juvenis e os cravos.

Que em particular preferes?

Não tenho preferencias, nem
particulares.

Qual o animal preferido?

O cão.

Que mais defende?

A hipocrisia, a submissão,
a ignorância e o mercantilismo.

*Qual a sua occupação favo-
rita?*

Quando não escrevo, passeio.
E' feliz?

Com o meu temperamento, é
impossível ser feliz.

*Em que consiste a verdadeira
felicidade?*

Depende do temperamento. Pa-
ra mim, em ser imbecil.

*Que lhe poderia destruir a fe-
licidade?*

Não se pôde destruir o que
não existe.

Qual a sua verdadeira vocação?

Medico.

*Que mais lhe irrita os ner-
vos?*

A injustiça e a mentira consci-
ente e interessada.

*Qual a época em que quizeria
ter vivido?*

Era-me indifferente...

E' ciumento?

A's vezes.

Que diz do ciúme?

Que é o acide do amor.

Que é a vida?

Um phenomeno insignifican-
tissimo, no Cosmos...

Como se desejaria chamar?

Defendo o meu nome como
pôso.

Como desejaria morrer?

O fim não me interessa...

*Qual o juizo que faz deste
album?*

Se fossem sinceros, estes exames
de consciencia, seriam uma bella
collecção de psychologias.

Como se chama?
João da Matta Correia Lima.
Qual a sua divisa?
Viver de accordo com os meus
principios e nada pedir.
*Qual o traço predominante de
seu caracter?*

A indissimulação
Que desejaria ser?
Um homem inteiramente dedi-
cado ao estudo.

Que mais o desagrada?
Ser victima de uma injustiça.
*Qual o divertimento que mais
o atrahê?*

O tiro ao alvo.
*Qual o seu passatempo favo-
rito?*

Passar a pé e conversar.
Qual o seu defeito principal?
Ser hostil.

*Qual o erro que merece a sua
indulgencia?*
O reconhecido e confessado.

Que pensa do flirt?
Que é occupação de desoccu-

O «Jornal do Commercio», do
Recife, assim registou o appareci-
mento de uma das ultimas edições
desta revista:

ERA NOVA — Era Nova, quinzenario de
letras e elegancias que publicam, na Parahyba,
os srs. Severino de Lucena e Synesio Guima-
rães, nascidos ultimamente, por sensíveis re-
formas. Attesta-o o numero que temos sobre

a banca, todo em papel amarello, encadernado em
capa, o retrato da authorisa. Amanda Sá, e
no sumario, variada collação de poezia
e verso, além de boas leituras de critica.

Publica, ainda, a revista, semilla do poeta
Eudes Barros — O Canto do Calvário.

Era Nova e revista, com collação, na
Agencia Lafayette, a rua 15 de Novembro,
edifício da Lafayette.

Ações de Era Nova

Os srs. Ferreira Amorim & Cia e João
Cezar Peixoto de Vasconcellos, pertencentes ao
alto commercio, tiveram a gentileza de offer-
tar-nos as ações ns. 28 a 82, de que eram
respectivamente possuidores.

A «Sociedade Artistas e Operarios, Mecha-
nicos e Liberaes» offereceu-nos também as
ações ns. 15, e 10 e 70 82, de sua proprie-
dade.

Gratias

Leitores de ERA NOVA



Mlle. QUINQUINA GOUVEIA,
da sociedade de Alagôa Nova



Sr. EDGARD DIAS DE MEDEIROS, pharma-
ceutico residente na cidade
de Mossoró, do vizinho Estado do Norte.



Acad. OLIVAL COUTINHO, residente na
cidade de Itabayana.



Sr. MANUEL CAVALCANTI DE FARIAS,
2.º tabelião e escrivão do civil, orphãos e ausen-
tes, do município de Cabaceiras.



Sr. ANTONIO NESTOR SARMENTO, commer-
ciante no município de Souza.

INSTITUIÇÕES QUE SE LEVANTAM



ASSISTENCIA DENTARIA INFANTIL. — Continuando no seu programma de conseguir adeptos ao seu objectivo, os organizadores da «Assistencia Dentaria Infantil» realizaram domingo, 8 do corrente, um interessante festival no Theatro Santa Rosa. O clou da reunião estava na conferencia do notavel poeta Carlos D. Fernandes, que traçou um esboço do programma de eugenia social. Damos aqui um aspecto da mesa que presidiu á festa, no momento em que Carlos D. Fernandes dizia sua palestra.



Senhorita PETRONILLA MESQUITA, professora diplomada pela Esco'a Normal.

PARAHYBA MODERNA

A BELLA FACHADA DO TEMPLO
PRESBYTERIANO DA CAPITAL,
RECENTEMENTE RECONSTRUIDA
PELO CONHECIDO CONSTRUCTO
ANTONIO CARVAL.





Noticiário Elegante



Anniversarios

Transcorreu no dia 7 do mez passado a data natalicia da prendada senhorinha Anilla Freire, um dos bellos adornos de nosso mundo elegante e professora normalista das que honram a sua classe.

Por esse grato evento, *mademoiselle* offereceu um chá ás suas relações intimas.

ANNIVERSARIOS DE 1 A 15 DO CADENTE:

DIA 1 — A sra. Ecila Vidal de Vasconcellos, esposa do sr. Armando Nobrega de Vasconcellos, funcionario das Obras contras as Sêccas.

DIA 2 — Occorren nesta data o anniversario do nosso prezadissimo companheiro de trabalho Mardokêo Nacre, director-technico desta revista, desde os seus primeiros dias. Funcionario de categoria da Imprensa Official, o natalicente, que é também um dos nossos cantôres sertanistas, recebeu copiosos cumprimentos. Só, agora, os nossos parabens.

DIA 3 — Guiomar Moura, filha do sr. Jesuino Moura; a senhorinha Eufe Tavares, filha do capitão João Tavares; a senhora Isabel Ramos, professora publica nesta capital.

D. Mary Sayão Pessoa — No dia 3 de junho registou-se o anniversario da exma. sra. d. Mary Sayão Pessoa, virtuosa esposa do eminente estadista e jurisconsulto brasileiro sr. Epitacio Pessoa, actual senador pela Parahyba.

Actualmente na Europa, com o seu egregio esposo, que é o autorizado representante do nosso paiz na Corte Permanente de Justiça Internacional, a sra. Mary Pessoa deve ter recebido numerosos cumprimentos da alta sociedade brasileira, de que é um dos ornamentos mais illustres.

Com o retardamento explicavel pela nossa publicação periodica, enviamos á sra. Epitacio Pessoa as nossas respeitosas saudações.

DIA 4 — A senhorinha Camerina Maróia, figura joven e insinuante de nossa alta sociedade. Filha do dr. Flavio Maroja, 1.º vicepresidente do Estado, e nosso prezado collaborador.

DIA 5 — O cirurgião dentista Mariano Falcão.

DIA 6 — O sr. Eduardo Stuckert, commerciante de nossa praça; a sra. Maura Soares Rocha, esposa do sr. Oswaldo Rocha, da firma Geraldo & Cia.

DIA 7 — A senhorinha Antonietta Falcão Cesar, filha do sr. Minervino Cesar, industrial em Itambé; a sra. Octavia Ribeiro Pessoa, esposa do sr. Adolpho Pessoa.

DIA 8 — O sr. Targino Barbosa, commerciante em Campina Grande; a senhorinha Josepha Coelho Costa, filha do sr. Emygdio Costa, commerciante de nossa praça.

DIA 10 — O sr. Alfredo Moura, grande industrial e criador em Alagoinha; a senhorinha Edith Holmes, filha do sr. José Holmes, proprietario neste Estado.

DIA 11 — A menina Maria José, filha do sr. Francisco Pereira de Araújo, commerciante em Boa Vista, (Cabaceiras).

DIA 12 — O academico Heltor Santiago; o dr. Christino Montenegro, commerciante em Campina Grande.

DIA 13 — Senhorinha Julita Cavalcanti de Albuquerque, professora normalista; o tenente-coronel Adolpho Massa.

DIA 14 — O sr. João Honorato da Silva, commerciante de nossa praça; o sr. Manuel Rodrigues Chaves de Oliveira, proprietario nesta capital; a senhorinha Nina Pinheiro, filha de d. Josepha Nobrega, e noiva do sr. Jayme Ramalho, chefe politico de Conceição.

DIA 15 — A senhorinha Inah Montezuma, filha do dr. Idalino Montezuma, promotor publico de Conceição de Piancó; o sr. Alfredo Ribeiro.

Um aspecto de Joinville



RESIDENCIA PARTICULAR É INTERESSANTE NOTAR O ARANHA E OS PARCELOS DAS PALMEIRAS.

FELIX ANTONIO

POR

J. AVILA LINS

Tomamos o seguinte do itinerário de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que saiu de Pernambuco a 16 de setembro de 1824.

«Da Serrinha saímos pelas três horas da tarde e fomos pernoitar a duas leguas e meia no engenho Jardim, cujo dono é Antonio Gomes, que nos hospedou bem.

Na madrugada do dia 15 saímos d'ahi, e com uma jornada de seis leguas e meia, fomos chegar a Goyana pelas onze horas da manhã, onde querendo maior Pastoria ficar, resolveu-se afinal a irmos aquartelar em o engenho do Bujary, a meia legua fóra da villa, cuja propriedade pertence ao padre João Alvares de Souza, que nos acolheu bem.

Aqui fomos visitados por muitos homens liberais de Goyana, que de proposito nos foram lá abraçar, e offerecer-nos seus serviços, e nos presentearam com bom peixe para carmos, vinho, queijo, fructas e doce.

Ahi pernoitamos e sobre a madrugada querendo-nos apromptar para seguirmos a viagem, demos por falta de alguns companheiros nossos, o presidente temporario Felix Antonio, o capitão França, o Emiliano, Vêras, o Monte, o Vieira e Frei João de Santa Miquelina».

E' de Felix Antonio que nos vamos occupar em ligeira synthese biographica, a qual nos foi transmittida por nossos maiores.

Era natural da cidade de Areia e casado com d. Maria do Nascimento Lins de Albuquerque.

Acompanhado de sua familia, seguiu para a revolução, indo encontrar os heróicos republicanos de 24 em Goyaninha, Pernambuco.

Felix Antonio conduzia, no proprio cavallo que montava, a sua filha Maria Carolina de Albuquerque.

Fez quasi toda a campanha de 24 o então sargento-mór, batendo-se sempre com heroismo.

Após a sua fuga, na noite de 15 de novembro de 1824, Felix Antonio procurou se occultar na fazenda «Oratorio», distante duas leguas de Pedra de Fogo.

Segundo nos parece, elle obteve terras por sesmaria no governo de Joaquim Rabello da Fossêca Rosado.

Em asserio do que affirmamos, para aqui trazemos o que a respeito podemos obter:

«O sargento-mór Felix Antonio Ferreira de Albuquerque, morador no Brejo de Areia, diz que descobriu terras devolutas entre os providos de Araçagy-Grande pelo sul e Araçagy-Mirim pelo poente, e pede por sesmaria o terreno que houver devoluto naquella logar, que são duas leguas de comprido e meia de largo ou o que se achar». Foi feita a concessão no governo de Joaquim Rabello da Fossêca Rosado.

Perto da fazenda «Oratorio», residia um proprietario chamado João da Cunha, homem de indole má e traçociro até o extremo.

João da Cunha soube que o governo imperial offerecia a quantia de 4.000\$ a quem matasse um chefe revolucionario, e, cubitoso e perverso, procurou a todo transe estreitar as relações de amizade que mantinha com a familia de Felix Antonio.

Certo dia, convenceu a este e a seu conhecido Francisco Antonio Cabral de Vasconcellos, para jogarem succa em sua residencia, comete este que foi acceito pelos mesmos.



FELIX ANTONIO FERREIRA DE ALBUQUERQUE

E jogaram antigamente o dia inteiro. A' tarde, quando pretendiam voltar á casa, João da Cunha convenceu novamente a Felix Antonio a passar a noite em sua casa.

E Francisco A. Cabral tomou si ao «Oratorio» e de muito tempo, recebendo qualquer coisa, sem que se lhe a presentar ao seu conhecido, que não permitisse naquella casa, visto como não reconhecia em João da Cunha um amigo fiel.

Sob tal pretexto e juramento de fidelidade, convenceu o conhecido traidor o seu conhecido.

Tendo ainda que a sua mulher, poderia entrar a Brejo Antonio, por meio de alguns escudos, o seu plano sinistro, levou-a para um quarto e, abrindo-lhe o casaco, mostrou, de facto, um bilhete laconico que denunciava o intuito sanguinario de seu marido.

Disse-lhe, então, em tom de morte, que não tentasse mais de longe a sua cidade terrivel.

Assim traçou o plano criminoso; faltava apenas executá-lo.

Alta noite, quando todos dormiam e tudo era silencio, havia uma janella que estava apenas encostada.

Felix Antonio estava de palpebras cerradas e dormia o somno dos justos.

A's apalpadelas, pé ante pé, empunhando covardemente o ferro frio do assassino e em companhia dum negro escravo, João da Cunha empurra devagarinho a janella que se escancara ao mais leve impulso.

Ell-os no palco escuro e medonho em que se vai desenhar o mais negro e abominavel de todos os crimes.

O escravo adianta-se um passo e dobra para de leve as varandas da rede em que dormia Felix Antonio.

Escutem sequer se mexeu; dormia.

Então João da Cunha, o seu amigo tão devotado da vespéra, enterra-lhe o punhal bem no peito e puxa-o e enterra-o outra vez.

Felix Antonio estremeceu debaixo do punhal do seu assassino e rogou-lhe por Deus que não o acabasse de matar.

Surdo a todas as supplicas do desgraçado, empurrou-lhe ainda no peito o punhal desapiedadamente.

Estava cumprida a sua missão; faltava-lhe apenas receber o premio.

No dia seguinte, para se não reconhecer o cadaver, trisnou-lhe as faces e fel-o transportar ao Gurinhem, onde havia de ser sepultado.

Algumas horas, após o seu enterramento, o então vigario daquella freguesia, Francisco de Mattanda Chacon, teve noticia do assassinato do seu amigo e parente.

Imediatamente ordenou a «humanação do cadaver e com pompa fúnebre fez o seu enterro.

Passaram-se tão somente quatro dias, e chegou o perdão para os revolucionarios, assim perdendo João da Cunha o premio de sua vilania.

A viúva de Felix Antonio foi em seguiu da residir em Guarabira, em companhia de seu genro, cel. Remigio Verissimo d'Avila Lins, nosso avô paterno.

João da Cunha, que não dormia e tinha certeza duma vingança, escondeu-se nas matas de sua propriedade.

Sabendo-se do seu esconderijo, foi enviado em seu encalce um homem a fim de vingar o seu nefando crime.

Porém, ao approximar-se do logar em que se occultára o assassino, foi por este visado e morto.

Tempos depois, seguiu um outro com identico fim e teve igual destino.

Reconheceu-se a difficuldade da vingança e deixou-se passar dez annos, tempo sufficiente para que João da Cunha se esquecesse do que havia feito. E, justamente, dez annos depois a propria viúva carregava uma espingarda com um prego que varou a cabeça do assassino de seu marido e fel-o tombar morto, nos braços duma filha, quando seguia uma boiada.

○ ○ ○ ○ ○ ○ ○



Têlas parahybanas

"Astros & estrelas"

Gloria Swanson, a excelente atriz americana, pertence ao numero das artistas chamadas «vampiro», genero que possui poucas cultoras no mundo cinematographico, devido ás muitas difficuldades da sua interpretação que requer uma artista completa sob todos os pontos de vista.

De uma elegancia impecavel e apurada Gloria impressiona o publico pela bizzaria das suas «toilettes» luxuosas e pelo seu donairoso porte de mulher formosa.

A alta elegancia norte-americana tem nella, por assim dizer, um verdadeiro modelo para as muitas e variadas creações da moda que Gloria sabe idear com fino e requintado gosto.

Gloria Swanson nasceu na cidade de Chicago, em Illinois, tendo-se iniciado no cinema depois dos vinte annos. A primeira fabrica a cujo serviço esteve, foi a Mack Sennet, para a qual posou muitas comedias, alcançando em algumas verdadeiros exitos.

Em breve, como aconteceu com a maioria das comediantes, abandonou esse genero e dedicou-se ao dramatico, sendo então contractada pela Triangle, na qual os seus trabalhos eclipsaram por completo os seus successos anteriores. Mais tarde passou a fazer parte do elenco da Lasky Famous Players e depois da Paramount.

Eugen O' Brien, o sympathico e elegante actor norte-americano é, sem duvida, um dos melhores galãs e que dispõe de arte cinema topographica.

Artista consciencioso e intelligente, sabe imprimir a todos os seus trabalhos um cunho de naturalidade e de expressão eloquente que o colloca hoje em dia em posição de destaque no «screen» mundial.

Natural da cidade de Denver (Colorado), Eugen conta 35 annos e é solteiro, apesar da perseguição continua que lhe movem as atrizes cinematographicas que com elle convivem nos grandes «studios» da Selznick Pictures.

OS FILMS ESPERADOS PELO S. JOÃO E EDISON

LADRÃO DE CORAÇÕES

Da «Metro Pictures Corporation».

Conto de Paul Armstrong.

Com a seguinte distribuição :

Bert Lytell, no papel de Lée Randall (aliás Jimmy Valentine.)

Vola Vale, no papel de Rose Lane.

Wilton Taylor, no papel de detective Doyle.

Eugene Pallette, no papel de Red Jocelyn.

Robert Dumber, no papel de Tenente Fay.

Marc Robbins, no papel de Bill Avery.

Winter Hall, no papel de William Lane.

Jimmy Valentine estava na famosa prisão da «Metro Pictures Corporation» e seu verdadeiro temperamento pois, uma vez na prisão, conquistou com suas maneiras de per-

feto gentleman a amizade do proprio carcereiro, homem severo e que — segundo dizia sempre, — detestava ainda mais os «ladroes de casaca» do que os desgraçados, os humildes ratoneiros, que praticam roubos mesquinhos para acudir a necessidade immediatas.

Ora, Jimmy era conhecido entre seus «collegas» como o mais perfeito arrombador de cofres, graças a seu admiravel tacto e á sua prodigiosa habilidade manual.



William Farnum, o maior actor-tragico da tela, no papel de cow-boy em uma pellicula da «Fox».

Um dia, uma delegação da Sociedade Porta da Esperança (uma organização de philantropos que se dedicava a regenerar e encaminhar para o bem os que sahiam das prisões) vem visitar Sing-Sing para ahi fazer investigações sobre os sentenciados que se encontrassem dignos de seu interesse.

Constituíam essa comissão o tenente Fay, da policia de New-York, miss Rose Lane, sua sobrinha e mais duas senhoras.

Interrogados pela comissão, quasi todos os sentenciados accusam o guarda de ser violento e rispido na maneira de os tratar, porem o guarda se defende assegurando que assim é preciso lidar com aquella gente porquanto o homem que uma vez entrou na senda do crime fica para sempre com instinctos criminosos.

E para demonstrar sua asserção, quer mostrar o prazer com que um condemnado desempenha o officio, que foi sempre seu meio de vida. Chama Jimmy Valentine e pede-lhe que abra, sem chave, o cofre do presidio, porém o rapaz tendo comprehendido quaes eram as intenções do carcereiro diz-lhe que não pôde abrir semelhante cofre sem chave.

Mas imaginem a surpresa de Rose Lane, quando ao ver Jimmy, nelle reconhece, a despeito de seu humilhante uniforme de presidiario o elegante rapaz que dois annos antes a salvara de um assalto de bandidos em um trem.

Por um dever de gratidão para com aquelle que a livrara da morte, iniss Rose convence o tenente Fay de que Jimmy é innocente, foi victima de um erro judiciario e pede-lhe que interceda em seu favor para que lhe seja restituída a liberdade.

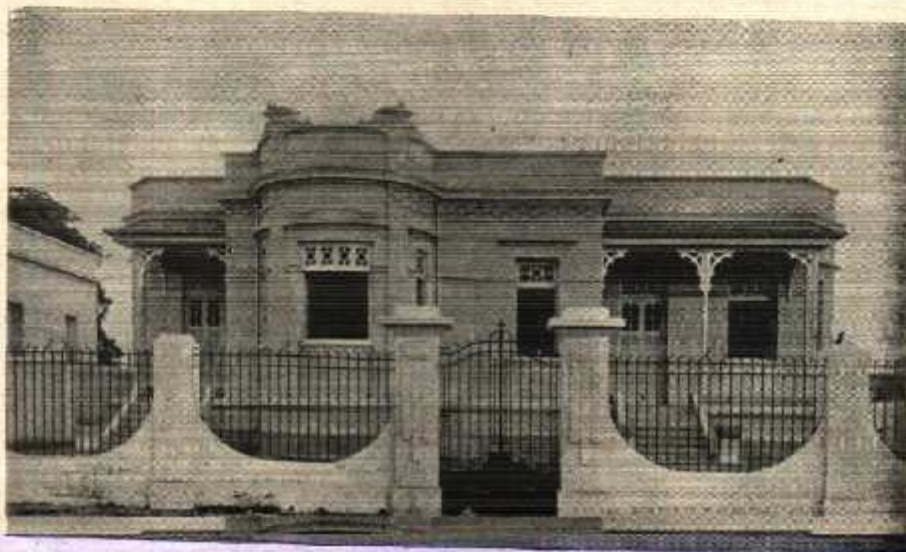
E tão eloquente soube ser que seu tio se interessou pelo caso, e duas semanas mais tarde Jimmy estava livre, sendo o detective Doyle, que o denunciara, severamente reprehendido pelo chefe de policia.

Esse facto exasperou o detective que jurando vingar-se de Jimmy, foi procurá-lo para lhe dizer que ainda não se havia esquecido do caso de Springfield, e que enquanto visse havia de perseguil-o até apanhá-lo em flagrante e mettel-o novamente na cadeia.

Entretanto, miss Rose Lane obtivera para Jimmy um emprego no banco de que o sr. Lane, seu pai, era o director.

Quando se soube d'isso, Jimmy foi procurado no hotel em que se installara por dois

A PARAHYBA MODERNA



Residencia do dr. ADIEMAR LONDRES, no bairro de Trинcheiras.

SILOS

O ministro da Agricultura aprovou a tabella para distribuição de premios aos criadores pela construção de silos em suas fazendas, de accordo com a lei em vigor.

Por essa tabella, que foi organizada pela directoria de industria pastoril, são os silos divididos em categorias: de concreto, variando os premios de dois a cinco contos de réis; de tijolos, com juntas de cimento ou de ferro, premios de um conto e quinhentos mil réis; de alvenaria, pedra ou tijolos, premios de um a cinco contos; subterraneos de 200\$ a 500\$. Os premios variam conforme a tonelagem dos silos, sendo estes de 40 a 160 toneladas.



CREADORES!

PEÇAM ORÇAMENTOS A

ARAUJO OLIVEIRA & C.

Rua Maciel Pinheiro, 211.

CAIXA POSTAL, 69.

**CONSTRUÇÕES EM
CIMENTO ARMADO**

Silos para farragens, tanques, bebedouros para animais, canalizações, etc. etc.

Armazem de Estivas,
Louças, Vidros e
Exportação de Assucar
DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N. 3 — CODIGO — RIBEIRO

Endereço Telegraphico — FERNANDES

Praça Alvaro Machado, 16.

PARAHYBA DO NORTE

RAINHA DA MODA

SECÇÃO D'ALFAIATARIA

ESPLENDIDO SORTIMENTO

DE

CASEMIRAS INGLEZAS,
BRINS DE LINHO
E FINISSIMAS ALPACAS.

Cortador italiano, diplomado e premiado com MEDALHA DE OURO pela Academia de Corte de Turim.

CASA DE CONFIANÇA

PREÇOS MODICOS

Rua Maciel Pinheiro n. 208

Avelino Cunha & Ca.



CIGARROS SUL-AMERICANOS

F. H. Vergara & C.

São os melhores
do mercado. Preferidos, por
isso mesmo,
pelas pessoas da elite.

PHARMACIA CONFIANÇA

DE
TERTULINO C. DA MATTA

AVIA RECEITAS POR PREÇO
MODICO E COM A MAIOR PRESTEZA

123, Rua Barão da Passagem, 123.

Parahyba do Norte

BRASIL

A COR DOS LUTOS—É notavel a disparidade de cores adoptadas em diversos paizes para honrar a memoria dos mortos.

Veja-se:—Na Syria, o luto é de cor celeste. No Egypto, cor de folha secca. Na Ethiopia, branco ou cinzento. Em varias regiões da India, encarnado vivo. No Japão e na Europa, preto.

Na China, azul muito escuro.

Cada nação julga ter motivos que justifiquem a cor adoptada.

O azul-cinza, por exemplo, denota o lugar em que se despoja, que os mortos descansam:—o céu.

A folha secca representa o fim da vida, por que esta é a cor das plantas quando morrem. O cinzento, a cor do pó em que se convertem os cadáveres.

O encarnado, o fogo que se consumiu o corpo do defuncto.

O preto, a privação da luz e da vida. O azul escuro, a cor do quinto céu, para onde vão os escolhidos.

A pelle humana contém 3.500 poros de transpiração em cada pollegada quadrada.

Ford

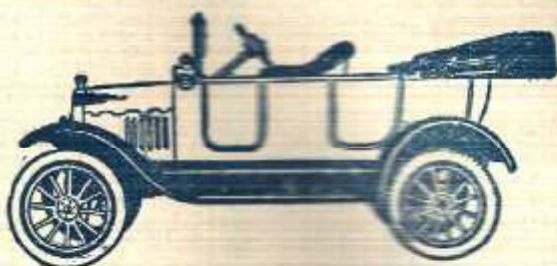
O AUTO UNIVERSAL

DOUBLE-PHAETONS 5 passageiros com partida automatica.
DOUBLE-PHAETONS 5 passageiros com partida e rodas desmontaveis.
VOITURETTE com partida automatica.
SUDAN com partida automatica.
CAMINHÃO (Chassis) — Tractor FORDSON — Peças legitimas FORD

Peçam prospectos e informações aos agentes.

G. PETRUCCI & CIA.

Rua Maciel Pinheiro, 198 — Parahyba.



Hotel "Luso Brasileiro"

OPTIMA SITUAÇÃO, DEFRENTE DA "G. WESTERN". COSINHA DE 1.ª ORDEM. DORMITÓRIOS HIGIENICOS.

Gerente: **CLAUDIANO MAIA**

MOVELARIA

"PROGRESSO"

DE

Mauricio Rosenthal & Irmão

ESMERADISSIMO FABRICO MANUAL E A VAPOR
DE MOVEIS SIMPLES E DE LUXO

Quantidades completas para salas de visitas e jantar, dormitórios, "salles", escriptorios, peças avulsas, etc. — Encarga-se de trabalhos de carpintaria, como portas, janelas, grades, talhoes, prateleiras, pelos menores preços.

Exibem ultimamente um
grande stock de moveis de luncos.

FABRICA: RUA MACIEL PINHEIRO, 332.

DEPOSITO:

Rua Barão do Triunpho, numero — 402.

PARAHYBA

SOUZA CAMPOS & C. Ltda.

GRANDES ARMAZENS DE FERRAGENS — SECÇÃO DE VENDAS A VAREJO, A PREÇOS SEM COMPETENCIA.

ARTIGOS DE ARTE E USO DOMESTICO DE PRIMEIRA ESCOLHA

END. «SOUCAM» — TELEPHONE N.

RUA MACIEL PINHEIRO — PARAHYBA

PHARMACIA DAS MERCÊS

De ALIPIO CORDEIRO

148 — Rua Duque de Caxias — 148

COMPLETO STOCK DE MEDICAMENTOS NACIONALES E ESTRANGEIROS

Fornecedor das principais instituições da Capital

ATTENDE A QUALQUER HORA DA NOITE

TELEPHONE N. 244

A «CASSIA — VIRGINICA»

é um remédio inocuo, composto de vegetaes de valor experimentado,

para combater com promptidão as febres em geral, sejam motivadas por um resfriamento ou por outra causa ignorada; realiza a cura em curto espaço de tempo sem os inconvenientes do QUININO, que é irritante e causa um grande mal aos albuminuricos, cardiacos e diabeticos, pelo má funcionamento em que deixa os rins, dando lugar aos ataques de UREMIA, tão communs quão perigosos na sua generalidade. — Na ERYSIPELA, faz cessar admiravelmente as dores musculares e dos tecidos, como por encanto, e cura os mais fortes accêssos em menos de 12 horas, fazendo desaparecer os incommodos geraes logo ás primeiras doses.

Vide prospecto que envolve cada vidro

A' venda em todas as pharmacias

INVENTOR DO VIGOGENIO

PROF. JOAO CANDIDO FERREIRA

Membro da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro.

PROF. MIGUEL COUTO

DR. AUSTREGESILIO

Atesto que tenho empregado, na minha clinica particular e no hospital com o melhor resultado o VIGOGENIO excelente preparado não só pela sua composição como pela irreprezível fabricação, a que preside o Sr. Amiral Ferreira & Comp.

Rio, Agosto de 1922. MIGUEL COUTO

O abaixo assignado, professor catedrático da FACULDADE DE MEDICINA do Rio de Janeiro, attesta que o preparado VIGOGENIO é um tónico muito recommendavel nos estados de debilidade geral do organismo e especialmente das funções digestivas.

Rio, 18 de Agosto de 1922. L. Austregesilo.

VIGOGENIO

O FORTIFICANTE MAXIMO PARA TODAS AS EDADES

CALCIFICA OS OSSOS E DÁ PHOSPHOROS

SEMPRE QUE OS MESTRES DA SCIENCIA PRECISAM APPLICAR UM FORTIFICANTE, RECEITAM O VIGOGENIO.

FRACOS, RACHITICOS, ANEMICOS, DEPAUPERADOS, NEURASTHENICOS, USEM O VIGOGENIO.

NA FRAQUEZA PULMONAR E CONVALESCENÇAS, O SEU EFEITO É IMMEDIATO E POSITIVO.

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob n.º 833 em 20-11-919.

FLUXO-SEDATINA

O remédio das senhoras. Combate as colicas uterinas, mesmo as da gravidez, em duas horas. É o **melhor remédio** para as doenças do utero, como FLORES BRANCAS, inflamações, **utero cahido**, corrimentos, **catharro do utero**. A FLUXO-SEDATINA é usada com optimos resultados nos Hospitaes e Maternidades.

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob n.º 67 em 28-6-1915

ANTONIO BOTTO Advogado

Atende de manhã, tarde e noite, recebendo trabalhos para o interior.

Expediente das 10 às 12 horas

ESCRITORIO, NO PALACETE DA JUNTA COMMERCIAL - PARAHYBA

FABRICA COLOMBO

DE
MOURA BASTOS & C.^a

Mantém grande deposito de camisas, ceroulas, collarinhos e pyjamas, confeccionados com todo esmero e bom gosto, podendo competir, tanto na qualidade como no feitiço e preços, com os melhores artigos nacionaes e estrangeiros. Executa encomendas com a maxima brevidade. Marca registrada - COLOMBO.

Rua Barão do Triumpbo, 450. - PARAHYBA

SERRARIA, CARPINTARIA E MOVELARIA S. PAULO DE GUIMARÃES & IRMÃO



A Carteira Escolar MINERVA, de invenção e fabrico desta casa, obedece ás mais rigorosas exigencias da hygiene escolar, adaptando-se a todas as edades, sem causar o menor incommodo ao alumno. Foi este o tipo escolhido pela Directoria da ACADEMIA DE COMMERCIO-EPITACIO PESSOA. * Chamamos a attenção dos interessados, afim de verificarem as commodidades da Carteira MINERVA.

Praça Alvaro Machado n. 45
PARAHYBA DO NORTE

RA NOVA

BRITO LYRA & C.

FAZENDAS

VENDAS EM GROSSO

Rua Maciel Pinheiro

Parahyba do Norte

A ATTRACTIVA

RUA MACIEL PINHEIRO, 190

Chapéus para senhoras e crianças

Giovanny Ponzi

PARAHYBA DO NORTE

ELIXIR DE CANINANA E

JURUBEBA

FORMULADO E PREPARADO PELO PHARMACEUTICO
OVIDIO LUARTE DOS SANTOS LIMA

Cura, com valor:

Rheumatismo, feridas gommosas, úlceras antigas e recentes, dactarhos, empingens, sarnas, fistulas, escrophulas, tumores, adormecimentos dos membros e qualquer molestia de origem syphilitica.

É a ultima palavra em depurativo...

Está registrado na Junta de Hygiene e Associação Commercial do Estado, e depositado na Junta Commercial da Capital Federal.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

Vende-se em todas as boas Pharmacias

DEPOSITO GERAL — PHARMACIA SANTOS

SERRARIA

Deposito na Capital — Drogaria Pessoa

GRANDE ARMAZEM DE ESTIVA

F. H. VÉRGARA & C.^{IA}

VINHOS DE TODAS AS QUALIDADES

Kerosene, Arame larpado, Ma-
denas, Salitre,
Enxofre e Cimento.

TODOS OS ARTIGOS DO RAMO DE ESTIVA

DEPOSITO PERMANENTE DE FARINHA DE TRIGO

Serraria, descascamento de arroz,
a vapor, Refinação de
açúcar, Torrefação de café e Fa-
brica de cigarros.

Filial em Campina Grande e Guarabira

Praça Alvaro Machado, 6. — R. Desemb. Trindade, 14
e 16. — Praças Santos Dumont e 15 de Novembro.

End. Tel. Vergara — Parahyba

LOTERIA DE

SANTA CATHARINA

UNICA QUE DISTRIBUE 75 % EM PREMIOS
PREMIOS MAIORES:

30, 60 e 100 CONTOS DE RÉIS.

Por 8\$000, 14\$000 e 23\$000 respectivamente

Extrações semanais

Em urnas de crystal e bolas numeradas por inteiro, em
movimento continuo, por motor electrico.

Todos os jogos jogam com 10 milhares — Bilhetes á venda em toda parte.

Administração — RUA DEODORO, 14. — Florianopolis.

Os concessionarios — La Porta & Visconti

Socio-gerente ANGELO M. LA PORTA, ex-socio-gerente da Loteria
do Rio Grande do Sul.

N. B. — Nas localidades que não estão os bilhetes á venda vale por
intermedio de Bancos ou remettendo a esta administração a respectiva impor-
tancia e mais 1\$000 para a porta.

PARA REVENDEDORES DAMOS COMMISSÃO

"NATIONAL GAS ENGINE"

DEPOIS DA "HULHA BRANCA", PREDOMINA "O GAZ POBRE" COMO A FORÇA MOTRIZ MAIS ECONOMICA DO MUNDO.

OS LEGITIMOS MOTORES INGLEZES DA "NATIONAL GAS ENGINE" RESOLVEM ESSE PROBLEMA: TRABALHAM COM QUALQUER COMBUSTIVEL:

COLLIER & ARCHBOLD

ENGENHEIROS REPRESENTANTES

PERNAMBUCO — Rua Barão do Triunpho N.º 296
ENDEREÇO TELEGRAPHICO COLBOLD

THE HYDRAULIC ENGINEERING CO. LTD — CENTRAL PLANT

PRENSAS HYDRAULICAS PARA ENFARDAR ALGODÃO
EM FUNCIONAMENTO

WHARTON PEDROZA & C. — Campina Grande
CALDAS DE GUSMÃO & C. — PARAHYBA

REPRESENTANTES EM PARAHYBA: A. LUCENA & C.

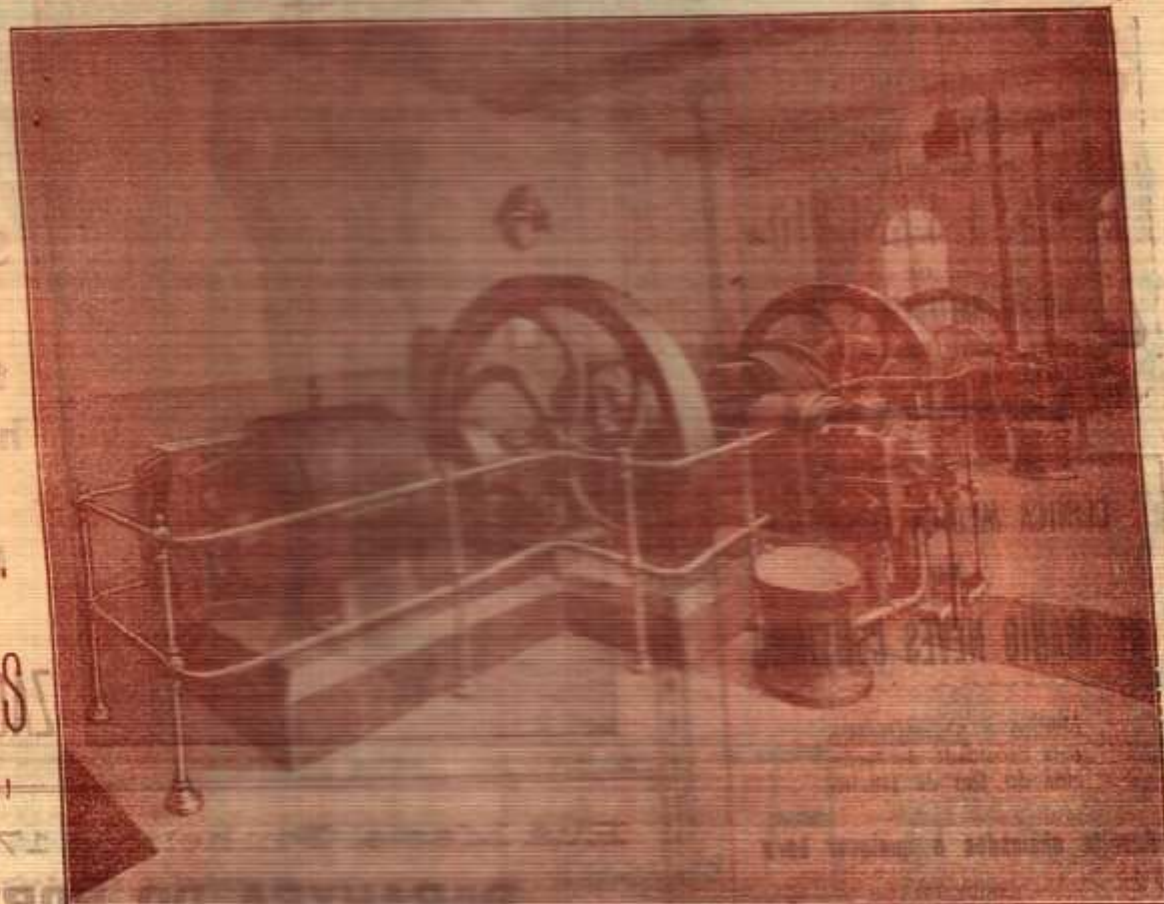
Rua Maciel Pinheiro n. 314 — CAIXA POSTAL — 122

PÓ DE SERRA, CARVÃO VEGETAL, DESPERDÍCIOS DE SERRARIAS, BAGAÇO DE CANNA, CASCAS DE CÔCO, LENHA DA MATTA, ETC., ETC.

Usinas de Luz Elétrica, projectadas e executadas com motores a gaz pobre "NATIONAL".

Recife — Alagoas	50000	Velas
Recife — Pernambuco	90000	"
Recife — " "	60000	"
Recife — " "	50000	"
Recife — Alagoas	40000	"
Recife — Pernambuco	32000	"
Recife — " "	27000	"
Recife — " "	25000	"
Recife — Alagoas	20000	"
Recife — " "	18000	"
Recife — Parahyba	17000	"
Recife — Alagoas	17000	"
Recife — Parahyba	15000	"

Mirrlees,
Bickerton
&
Daylimited.
Motores
"DIESEL"



CASA POPULAR

de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazendas, miudezas, perfumarias, roupas, etc. - Especialidades em chapéus de palha, últimas novidades, gravatas, camisas, fantasias, cretones, morins e outros artigos para homens, senhoras e crianças. Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaupaire Rohan, 267.
Filiais: Rua da República ns. 654 e 465.

PARAHYBA DO NORTE

BAZAR PARAHYBANO

GUARABIRA



FILIAL EM PARAHYBA:

7, Rua Maciel Pinheiro, 7.

Completo sortimento de LOUÇAS E VIDROS

PREÇO RESUMIDO

Herr. enegildo P. Cunha

GRANDE EMPORIO

de chapéus de todas as qualidades, para homens e crianças.

CASA PENNA

O melhor sortimento em gravatas, collarinhos, meias, camisas e perfumes.

Depositaris dos melhores fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro, 88 - Parahyba

LEGITIMOS

Bandolins Napolitanos,

— RECEBEU A —

CASA VESUVIO

DE

VICENTE RATTACASO & COMP.

Rua Maciel Pinheiro, N. 163.

CLINICA MEDICA CIRURGICA

DO

Dr. MARIO NEVES COUTINHO

Médico e pharmaceutico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Accepta chamados a qualquer hora

RESIDENCIA:

Rua 7 de Setembro 297

ALFAIATARIA ZACCARA



ELEGANCIA

E

PERFEIÇÃO

ULTIMA MODA

Sob a direcção criteriosa de habéis cortadores italianos

ZACCARA & C.

Rua Maciel Pinheiro - 176 e 180

PARAHYBA DO NORTE